

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

LILIAN CARVALHO PARENTE

**POLÍTICA E RELIGIÃO NA AMÉRICA LATINA: ANÁLISE SOBRE INFLUÊNCIA
RELIGIOSA NA ESFERA POLÍTICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO BRASIL,
BOLÍVIA E EL SALVADOR**

RIO DE JANEIRO

2021

LILIAN CARVALHO PARENTE

POLÍTICA E RELIGIÃO NA AMÉRICA LATINA : Análise sobre influência religiosa na esfera política a partir da experiência do Brasil, Bolívia e El Salvador

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Graduação de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.
Orientadora: Prof. Dra. Mirella Farias Rocha.

Rio de Janeiro

2021

CIP - Catalogação na Publicação

P228p Parente, Lilian Carvalho
POLÍTICA E RELIGIÃO NA AMÉRICA LATINA: ANÁLISE
SOBRE INFLUÊNCIA RELIGIOSA NA ESFERA POLÍTICA A
PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO BRASIL, BOLÍVIA E EL
SALVADOR / Lilian Carvalho Parente. -- Rio de
Janeiro, 2021.
62 f.

Orientadora: Mirella Rocha.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Serviço Social, Bacharel em Serviço Social, 2021.

1. Política. 2. Religião. 3. Crítica. 4. América
Latina. 5. Marxismo. I. Rocha, Mirella, orient. II.
Título.

POLÍTICA E RELIGIÃO NA AMÉRICA LATINA: Análise sobre influência religiosa na esfera política

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como parte dos requisitos exigidos para a conclusão do curso de Serviço Social

Rio de Janeiro, __/__/__

Prof^a. Dr^a. Mirella Farias Rocha (Orientadora) Escola de Serviço Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

(Titular acadêmico e o nome do membro da Banca Examinadora Instituição a que pertence)

(Titular acadêmico e o nome do membro da Banca Examinadora Instituição a que pertence)

AGRADECIMENTOS

Ao fim da graduação do curso de Serviço Social, nos deparamos com inúmeraspessoas que foram fundamentais para que ocupássemos esse lugar.

Primeiramente, agradeço minha família. À minha mãe Carmen, que sempre priorizou meus estudos; à minha irmã Gabriela, por todos os momentos, alegrias e descontração. Em especial agradeço ao meu pai que apesar de suas cargas horárias exaustivas de trabalho, sempre teve tempo de ouvir sobre meus estudos, descobertas políticas e análises de conjuntura nas Ciências Humanas. Enfim, à minha irmã Viviane que me incentivou a escolhero curso de Serviço Social.

Agradeço aos meus amigos e amigas que fizeram com que essa caminhada fosse mais leve. As conversas no Centro Acadêmico, os trabalhos em grupo, os intervalos entre uma aula e outra foram momentos de muita alegria durante esses anos. Aos meus amigos de fora do curso, que sempre me apoiaram e ouviram as experiências vividas durante esses anos, obrigada por estarem comigo na alegria, afeto e na resistência.

Agradeço à minha orientadora Mirella Rocha por todo o apoio e cooperação na construção desse trabalho e durante esses anos de graduação. Agradeço por ser incansável em sua prática profissional, em despertar em seus alunos e alunas o pensamento crítico e na defesa da nossa latino-américa. Foi enriquecedor caminhar com mulheres inspiradoras durante esses anos.

Agradeço a todos os funcionários da UFRJ que dedicam suas vidas para o funcionamento da universidade, para manutenção de suas atividades e que a tornam do gigantesco tamanho que ela é. Agradeço e me orgulho de ter estudado nessa universidade e luto para que toda população tenha acesso a universidade pública de qualidade.

Esse trabalho e minha formação são atravessados por inúmeras pessoas. Agradeço a todos e todas que caminham comigo na luta e resistência, e aos que diante das denúncias de opressão são chamados de hereges. Que nada cale nossa voz!

RESUMO: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que tem como objetivo a investigação de processos recentes ocorridos na América Latina e que dizem respeito à relação entre religião e política, especialmente nos três casos investigados aqui, ocorridos no Brasil, Bolívia e em El Salvador. Há similaridades nos processos ocorridos em ambos os países citados, na medida em que foram marcados por crises políticas que se reverteram em golpes de estados, mais ou menos brandos, onde governos de esquerda moderadas/liberal-progressistas, foram solapados por movimentos de extrema-direita que possuíam um diálogo direto com instituições e lideranças religiosas, onde a pauta conservadora possui lastro popular com as respectivas massas. Tendo como objetivo investigar estas questões a partir do materialismo histórico-dialético, faz-se uma análise crítica dos eventos e dos elementos sociais em jogo, assim como de seus atores, para investigar os tensionamentos ideológicos entre extrema-direita, conservadorismo, religião e política, extraindo de material jornalístico coletado e selecionado, a base para a investigação material dos processos.

Palavras chave: Política; Religião; Crítica; América Latina; Marxismo;

ABSTRACT: The present work is the result of a research that aims to investigate recent processes that occurred in Latin America and that concern the relationship between religion and politics, especially in the three cases investigated here, which occurred in Brazil, Bolivia and El Salvador. There are similarities in those processes that took place in both countries mentioned, as they were marked by political crises that resulted in more or less mildcoups d'état, where moderate/liberal-progressive leftist governments were undermined byextreme right-wing movements that had a direct dialogue with institutions and religious leaders, where the conservative agenda has popular support within the respective masses. Aiming to research these issues from a historical-dialectical materialism approach, a critical analysis of the events and social elements at play, as well as their actors, is carried out to investigate the ideological tensions between the far right, conservatism, religion and politics, extracting from journalistic material collected and selected, the basis for a material investigation of the processes.

Key-Words: Politics; Religion; Critique; Latin America; Marxism;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Manchete: Reportagem do G1 sobre urgência do impeachment de Dilma... ..	23
Figura 2 - Manchete: Reportagem sobre o Impeachment da presidenta Dilma Rousseff... ..	23
Figura 3 - Impeachment, deputados contra e a favor... ..	24
Figura 4 - Manchete: Bolsonaro na votação do impeachment... ..	25
Figura 5 - Lula no Sindicato dos Metalúrgicos no ABC paulista ao ter sua prisão decretada.	28
Figura 6 - Presidente Bolsonaro orando em rede nacional, após vitória nas eleições... ..	29
Figura 7 - Evo Morales sob influência estadunidense... ..	31
Figura 8 - Protestos contra Evo Morales... ..	32
Figura 9 - Policiais em manifestação contra Evo Morales... ..	33
Figura 10 - Patricia Arce sendo escoltada pela polícia após ser agredida... ..	33
Figura 11 - Invasão na casa de Evo Morales antes da renúncia... ..	34
Figura 12 - Invasão de Camacho ao palácio do governo... ..	34
Figura 13 - Presidenta interina na frente do palácio do governo com a bíblia... ..	35
Figura 14 - Evo Morales volta à Bolívia... ..	36
Figura 15 - Nayib Bukele invade o congresso com as Forças Armadas... ..	37
Figura 16 - Presidente senta na cadeira do presidente do congresso... ..	37
Figura 17 - Presidente discursando com as Forças Armadas atrás... ..	38
Figura 18 - Manifestante se opondo ao governo de Bukele... ..	39
Figura 19 - Protesto contra Bukele... ..	39
Figura 20 - Homens aglomerados em penitenciária... ..	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Caracterização do Tema e Problema da Pesquisa.....	11
1.2 Metodologia.....	16
2. RELIGIÃO E CONSERVADORISMO POLÍTICO NA AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA	20
2.1 Brasil.....	20
2.2 Bolívia.....	30
2.3 El Salvador.....	36
3. ACUMULAÇÃO PRIMITIVA, COLONIALISMO, RELIGIOSIDADE E DOMINAÇÃO.....	41
3.1 Pensando a história: Acumulação primitiva, colonialismo e religião como ideologia..	41
3.2 Conservadorismo político, religiosidade e dominação na América Latina Contemporânea.....	46
3.3 O objeto em sua dialética: Religião e Libertação na América Latina.....	51
4. CONCLUSÃO.....	54
5. REFERÊNCIAS.....	55
5.1 Referência Bibliográficas.....	55
5.2 Referências da Pesquisa Empírica (Jornais).....	56

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, os últimos anos foram de grande efervescência política, desde a destituição da presidenta Dilma Rousseff de seu cargo, até as eleições de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro, representante de uma retomada conservadora no Brasil, gerando uma grande crise política. Entretanto, o Brasil não vive esse processo isoladamente. Sendo parte de um bloco, a América Latina, onde o processo histórico e de formação das relações sociais apresenta homogeneidade na diversidade, ou seja, mesmo em tempos distintos alguns países vivem processos semelhantes, diante da reatualização da acumulação capitalista em escala global e o papel que ocupa na divisão internacional do trabalho.

Diante de tais fatos, de forma a elucidar o Brasil como parte de um processo que ocorre na América Latina, tomamos como referência outros países desse bloco também, sendo eles a Bolívia, localizado junto ao Brasil na América do Sul, e El Salvador, localizado na América Central. Esses países não vivem processos semelhantes só no momento histórico atual, mas desde a colonização das Américas, como trataremos mais adiante nesse trabalho.

O momento político conturbado no Brasil, onde existe uma grande polarização, é fruto de uma grande retomada conservadora, na qual tem grande influência na relação político-religiosa presente nesse território latino-americano. No contexto histórico atual, essa relação é muito nítida, diante da influência das maiores igrejas brasileiras na vida política, como exemplo, temos um grande fortalecimento da bancada religiosa no Congresso nacional, um aumento significativo de ataques as religiões de matriz africana (CAPETTI; CANÔNICO, 2019) e em um caso recente, uma ministra da mulher, família e direitos humanos, atuando de forma a impedir que uma criança vítima de estupro realizasse seu direito de fazer um aborto.¹

Nesse contexto, essa relação político-religiosa não se limita só na esfera federal, mas se espalha por todo o país. Como exemplo a realidade do município do Rio de Janeiro, na qual o bispo da Igreja Universal, Marcelo Crivella, foi eleito prefeito para o mandato 2017-2020 promovendo ataques à festas populares como o Carnaval, beneficiando pessoas que compactuam da mesma posição religiosa dele, como no caso Márcia², onde os “irmãos de fé

¹“Menina de 10 anos foi vítima de estupro de seu tio, a criança engravidou e teve que ir para outro estado para que tivesse seu direito ao aborto legal garantido, pois em seu estado não tinham profissionais dispostos a cumprir com o direito da criança. Grupos que eram contra a realização do procedimento, foram para por do hospital hostilizar a equipe e a criança por estarem realizando um aborto dentro das normativas legais.” (acessado em 23/07/2021: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/08/17/menina-de-10-anos-estuprada-pelo-tio-no-es-tem-gravidez-interrompida.ghtml>)

²“Em reunião com representantes de sua religião, o prefeito da cidade era uma liderança religiosa evangélica, Marcelo Crivella, promete facilidade de acesso a serviços de saúde pública.” (acessado em 23/07/2021: <https://extra.globo.com/noticias/rio/caso-marcia-denunciado-pelo-extra-pode-tornar-prefeito-marcelo-crivella-in-elegivel-24583368.html>)

poderiam ter facilidades em conseguir serviços da saúde falando com a Márcia, assessora do prefeito, assim como também, quando Crivella manda instalar um tomógrafo³ na Igreja Universal, ao invés de instalar no hospital, no meio de uma crise de saúde devido a pandemia da COVID-19.

Discutir tais questões é de extrema importância, no nosso contexto de país dependente, onde uma religião, o cristianismo, em seu viés católico conservador, foi um instrumento para gerar dominação dos corpos. A religiosidade em si, é direito de todo e qualquer cidadão, e a intenção desse trabalho não é fazer o ataque e nem menosprezar qualquer experiência de fé, seja ela qual for. O objetivo aqui, portanto, é fazer a crítica a um papel histórico que o cristianismo cumpriu na América, configurado no significado institucional ligado à Igreja Católica, e não no sentido atemporal/ espiritual, que se coloca como “corpo de Cristo”.

Pensar o cristianismo de forma espiritual, gera inúmeras questões e possibilidades, até mesmo de crítica a como a religião institucionalizada foi usada para gerar guerra e morte, indo de encontro à gênese da fé cristã. O contexto religioso do cristianismo é diverso, ao mesmo tempo que Silas Malafaia⁴ é pastor evangélico, Martin Luther King⁵, também era, muitos cristãos pensaram e pensam o cristianismo diante da defesa dos direitos humanos, a Teologia da Libertação, nascida na América Latina, tem relevância histórica como resistência religiosa. Entretanto, esse trabalho não daria conta de analisar toda a diversidade desse segmento, o que faria desviar o foco do nosso debate. Todas essas questões estão na esfera da discussão teológica, que não assumimos nessa discussão. A análise desse trabalho é demarcada apenas pelo contexto histórico, que se fundamenta na utilização do cristianismo como arma de dominação moral, de controle e submissão de corpos e de ajustamento dos mesmos ao sistema vigente.

1.1 Caracterização do Tema e Problema da Pesquisa

Para contextualizar a relevância do nosso tema, vamos aqui introduzir um pouco do debate que versa sobre a retomada do conservadorismo político na América Latina, por meio da observação da realidade concreta da conjuntura recente dos países que constituem o escopo de nossa análise. De partida, é importante analisar semelhanças na história moderna desses países, os quais passaram por governos ditatoriais, nos quais houveram perseguições políticas,

³ <https://vejario.abril.com.br/cidade/tomografo-rocinha-igreja-universal-crivella/>

⁴ Veja mais em <https://www.youtube.com/silasmalafaiaoficial>

⁵ Veja mais em <https://thekingcenter.org/about-tkc/martin-luther-king-jr/> e <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1964/king/biographical/>

culminando na prisão e morte de opositores, censura às manifestações artísticas, predominância por governos centrados nos chamados ‘valores familiares’ e na abertura econômica ao capital internacional.

No caso brasileiro, esse processo foi a ditadura civil- militar (1964-1985), na Bolívia também como uma ditadura civil-militar (1964-1982), e no caso de El Salvador, advindo de uma série de governos militares e conservadores, teve como resultado a Guerra Civil (1980-1992). Anos após a redemocratização de seus países, se dá o início de uma fase mais progressista, com representantes com forte apreço popular. No Brasil, isso acontece nas eleições de 2002 com a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT), na figura de Luís Inácio Lula da Silva, sindicalista e liderança dos movimentos de trabalhadores; na Bolívia, nas eleições de 2005 com a vitória do Movimiento al Socialismo (MAS), na figura de Evo Morales, primeiro indígena a ser presidente, líder sindical dos agricultores cocaleiros; em El Salvador, nas eleições de 2009 com a vitória da Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN), na figura de Mauricio Funes. E, como acontecimentos mais recentes, a destituição desses governos voltados à esquerda para governos ultraconservadores através de golpes de Estado e de eleições diretas. No caso do Brasil, com o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff (2016), levando ao poder o vice-presidente Michel Temer e a posterioreleição de Jair Bolsonaro (2018); no caso boliviano com o golpe sofrido pelo presidente Evo Morales (2019), sobre ameaças das forças armadas, Morales renunciou ao cargo para o qual havia sido democraticamente eleito; no caso salvadorenho a ascensão pela via eleitoral do empresário Nayib Bukele, pelo partido “Novas ideias” após três décadas do ciclo bipartidário no país.

Tais fatos são início de um processo de grande conservadorismo, de alinhamento com as ideias norte-americanas, abertura para o capital estrangeiro, desmonte das políticas sociais e um aparelhamento muito claro entre Estado e religiosidade. Essas características são observadas no Brasil com a vitória de Jair Bolsonaro à presidência da república nas eleições presidenciais de 2018 onde, em inúmeras vezes, repercutiu nos canais midiáticos pronunciamentos preconceituosos sobre a comunidade LGBTQ+, a população negra e as mulheres. Sua campanha foi marcada por grande apoio das lideranças evangélicas com mais fiéis no Brasil, como a Assembleia de Deus, onde o presidente José Wellington Bezerra declarou: "De todos os candidatos, o único que fala o idioma do evangélico é Bolsonaro. Não podemos deixar a esquerda voltar ao poder" (ABBUD, 2018), outras figuras como Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, também declarou publicamente seu apoio a Jair Bolsonaro, assim como Silas Malafaia, pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo,

onde o candidato foi visto em púlpito junto ao pastor durante a campanha. O slogan de sua campanha era “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, essa frase tinha forte ligação com um dos alicerces de sua campanha que era a promessa de acabar com uma possível ideologia existentes nas escolas, ideologia essa de esquerda, que para muitos do senso comum significa ser comunista, e comunista significa ser ateu, o que significa coisas ruins como a destruição das “famílias”.

Na realidade boliviana esse processo foi um tanto quanto conturbado. A destituição do presidente Morales, após as eleições de 2019, custou a vida de dezenas de cidadãos, que foram mortos nas manifestações realizadas no país. A ligação político religiosa é muito clara nesse processo: minutos antes de Morales anunciar sua renúncia, seu opositor e líder das manifestações contra Morales, empresário, católico, Luis Fernando Camacho, invadiu o palácio do governo com a bíblia e a bandeira da Bolívia na mão, se ajoelhou com a bíblia e a bandeira aberta e fez uma oração que foi transmitida ao vivo pelas redes sociais. Nas suas aparições públicas, Camacho sempre fazia uma oração e proclamava a sua fé para chamar a população para as manifestações e participou de organizações paramilitares acusadas de realizar atos racistas contra indígenas (GONÇALVES, 2019). A presidente interina autoproclamada foi Jeanine Añez, que no dia de sua autoproclamação aparece na frente da sede do governo, estende uma bíblia e fala aos jornalistas que a bíblia estava voltando ao palácio. (VEJA, 2019)

Em El Salvador, o presidente Nayib Bukele, no ano de 2020, invadiu o Congresso, tendo em vista a aprovação de um financiamento que vinha sendo recusado pelos deputados. Bukele então solicitou as forças armadas e foi à assembleia na presença de policiais militares, e começou a sessão sentado na cadeira do presidente da assembleia, na presença de apenas 28 dos 84 deputados. Bukele se assegurou em um possível direito divino que estaria exercendo, depois do fim da sessão fez uma oração e foi embora. (MALDONADO, GARCÍA, 2020).

A história desses países têm muito em comum e o momento político vivido por eles atualmente também, e isso não se dá à toa, como latino americanos, pisamos o mesmo solo da história, solo esse que foi colonizado, bloco esse que ocupa o mesmo papel na divisão internacional do trabalho e detém da mesma função para a manutenção do sistema capitalista. Entender o porquê de uma retomada conservadora ocorrer, depois de governos progressistas onde muitas conquistas sociais foram garantidas, onde as populações mais marginalizadas estavam minimamente alcançando sob duras lutas acesso a alguns direitos sociais, onde pautas fundamentais à vida de diversos cidadãos — tais quais negros, LGBTs e mulheres —

estavam minimamente conseguindo fazer avanços afim de gerar direitos à e qualidade de vida para essas populações que historicamente sofrem com diversas violências — um momento em que os trabalhadores avançaram na conquista dos seus direitos sociais, diante de maior investimento por parte do Estado nas políticas sociais. Em poucos anos isso muda radicalmente, com governos que são avessos a tais avanços, aonde discutir tais questões é visto como ideologia de gênero ou vitimismo, e falar de melhor distribuição de riqueza é ser comunista, e comunista é o “diabo” encarnado na terra — tais fatos não podem ser separados dos movimentos econômicos e sociais enfrentados pelo sistema econômico vigente, em sua dinâmica de imperialismo-dependência.

O alinhamento desses governos com um discurso religioso controlador não é um acaso. O cristianismo historicamente tem sido usado para o controle dos sujeitos a fim de os sujeitar ao sistema vigente, o discurso religioso presente nos palanques políticos é herança de uma dominação dos indivíduos na sua subjetividade, nas suas crenças, morais e costumes, presentes na colonização da América Latina e que reverberam até hoje. A religião vai ser vista como instrumento do capitalismo, instrumento que tem razão de ser no adestramento dos indivíduos para a reprodução do capital.

Na colonização da América Latina, para incorporar um sistema estrangeiro violento era necessário dominar toda a subjetividade dos sujeitos, tanto na organização da vida social, quanto como indivíduos. Todo povo resiste à invasão, à ameaça no seu território. Para dominar esse território e os corpos que habitam nele, foram usadas de todas as formas de violência, e para incorporar esses sujeitos a nova ordem que estava sendo estabelecida, de um nascente capitalismo mercantil, era necessário fazer o apagamento dessa dimensão cultural e moral e incorporar a dimensão cultural euro-ocidental, e o cristianismo foi a armada usada para isso. Agora o território estava dominado, os corpos estavam dominados, e o espírito estava dominado. (DUSSEL, 1993)

Esses são pontos chaves que introduzimos aqui para compreender a relação político religiosa conservadora, que está ligada a um realinhamento econômico e social ao imperialismo, o que também nos leva a pensar que não só agora que essas estruturas estão escrachadas, mas que elas existem e sempre existiram. As estruturas sociais desses Estados estão baseadas nas visões dessa lógica de dominação. Como forma concreta dessa relação, temos uma bancada evangélica conservadora no Congresso Nacional, e grande influência das igrejas evangélicas e católicas em toda a esfera política, de forma a impedir que avanços políticos e sociais aconteçam, como a descriminalização do aborto e das drogas, gerando assim um controle moral.

Esse é o nosso recorte temático mais amplo, qual seja, a problemática do poder político aliado ao uso religioso (e o poder objetivo e subjetivo que exerce sobre a classe trabalhadora, especialmente preta, pobre e periférica) nos países dependentes, a qual é funcional à reprodução do capitalismo mundial, operando no cotidiano o domínio da vida social, política e cultural-espiritual.

Finalmente, cabe destacar a importância de se pensar o tema para o Serviço Social. Defendemos que entender a relação político-religiosa na América Latina é de fundamental importância para a compreensão das análises de conjuntura, das políticas sociais e econômicas. No fazer profissional, entender as dinâmicas religiosas presente na sociedade é importante para o diálogo com nossos usuários, pois muitos estão em segmentos religiosos que representam em sua vida um exercício de fé e acolhimento, mas também e contraditoriamente, dominação dos pensamentos e corpos desses sujeitos, a fim de gerar conformação diante das mazelas sociais. (DUSSEL, 1993)

A relação entre o Serviço Social e a religião na gênese da profissão é notória, através das Escolas de Serviço Social que tinham uma referência de mediação religiosa, como se deu a origem da profissão em diversos países. Tal influência foi responsável para que as expressões da chamada “questão social” fossem analisadas através da caridade e do moralismo ao longo dos anos. Diante das transformações societárias, dos anos 1930 a 1970, grandes mudanças ocorreram na profissão, o incorporamento do Serviço Social ao Estado, a influência norte-americana, aproximação com as ciências sociais e o marxismo, momento de renovação do Serviço Social são partes, mesmo que em momentos diferentes e muito particulares, da história profissional. Ao longo dos anos, a formação profissional abandonou por completo a discussão sobre a influência religiosa⁶ e a ideia da caridade, ajuda social, privilegiando ascências sociais e o marxismo. Entretanto parte dos alunos que ingressam no curso, adentram diante de ideias construídas a partir de um lugar religioso, principalmente do Catolicismo, Protestantismo e Espiritismo, que tem em suas bases a caridade, o bem fazer ao próximo, conforme análise de Simões (2007):

Pode-se assim dizer que há um contingente alto de alunos religiosos no serviço social (88,9%) e que a maioria deles (62,4%) participa de alguma das instituições estudadas. O predomínio de participação se dá entre as instituições religiosas (49%), seguido do trabalho voluntário (36%) e das instituições cívico-políticas (11,5%). Como foi visto, estar vinculado a uma destas instituições dependeu, sobretudo, do tipo de pertencimento religioso do aluno e de sua inserção em alguma das outras instituições consideradas. (SIMÕES, 2007)

⁶ Dizer que a discussão sobre a influência religiosa fora abandonada, não quer necessariamente dizer que a religião não exerça influência objetivamente e subjetivamente, no interior da formação profissional.

Citamos a pesquisa do autor de modo a ilustrar a centralidade do tema da religião na profissão, mas destacamos que não concordamos com a perspectiva teórica do autor, pois sua base de análise não se dá a partir da teoria crítica de Marx, e nossa análise tem como base a dialética histórico-materialista, bem como o pensamento social crítico latino americano, a crítica anticolonial ou decolonial e a teoria marxista da dependência.

Por último, ressalto que o tema surge a partir da inserção da autora entre dois ciclos bem distintos, são eles: a religião, sendo essa o protestantismo, e os movimentos sociais ligados a pauta feminista. A autora é membro da comunidade evangélica “Igreja Batista Itacuruçá” desde 2008. Constrói a militância na Frente Evangelica pela Legalização do Aborto (FEPLA), desde 2017, de forma coletiva com outras mulheres cristãs. A construção da FEPLA ocorre no bojo da luta política pela descriminalização do aborto, como uma resposta aos ministros do STF, os quais utilizavam do argumento de que precisavam respeitar o que a religião com mais adeptos do país acreditava sobre o aborto, logo, não se deveria descriminalizar. A FEPLA surgiu pois não se tem como falar por todos os cristãos, são diversos, e que o argumento religioso na esfera política, institucional e partidária, desconsidera a diversidade e liberdade dos indivíduos.

1.2 Metodologia

Esse trabalho tem como objetivo fazer uma análise da movimentação política aliada ao uso religioso conservador realizada na América Latina na conjuntura contemporânea, particularmente a partir das experiências de Brasil, Bolívia e El Salvador. Utilizamos a análise de experiências históricas-concretas como forma de ilustrar nosso debate, pois compreendemos sua relevância na conjuntura atual e na expressão particular desses países. Entretanto, não estamos fazendo uma análise comparativa, pois não é possível fazer essa comparação diante das particularidades desses territórios, que se colocam diante das experiências históricas particulares, que são construídas a partir da formação social e dinâmica da luta de classes de cada povo, em dada conjuntura, em dado território nacional. As experiências são incomparáveis, mas são ilustrativas, a partir de um lugar histórico em comum, diante de uma base histórica, que se constitui a partir da dinâmica de invasão desses territórios no processo de expansão imperialista dos séculos XVI em diante (ROCHA, 2009).

Ao falar da América Latina, a referência é diante da historicidade concreta de um território, de um processo histórico em comum, que se coloca a partir da invasão e colonização por parte da Europa. Tal marco histórico gerou a escravização e genocídio da

população originária e africana, dominação das terras e da sua produção, espoliação e expropriação. Tais circunstâncias foram as bases para a fomentação do capitalismo, onde o cristianismo católico conservador teve papel fundamental para a dominação dos corpos e mentes das populações originárias e africanas. A espoliação e expropriação da acumulação primitiva, que deslocou as riquezas deste território para a Europa, gerou a consolidação do nascente capitalismo. (OSÓRIO)

Entretanto, mesmo após o fim das colônias, os países da América Latina, se mantêm nesse lugar de provedor de matérias primas e alimento para os países centrais, de forma a gerar riquezas para esses, consolidando assim a dinâmica da dependência, segundo Ruy Mauro Marini (2005). O produto latino americano (matérias primas e alimentos) tem um valor muito menor do que os produtos que consumimos dos países centrais (tecnologias), constituindo o chamado intercâmbio desigual. Diante disso ocorre um mecanismo de compensação por meio da superexploração da força de trabalho na América Latina, principalmente pretos e miscigenados (negros e indígenas). Assim, quando falamos em América Latina, estamos nos referindo a essa base concreta, sem desconsiderar as particularidades sócio-históricas e dinâmica da luta de classes em cada país.

Tendo em vista esse processo histórico concreto — do colonialismo e da dependência — e o papel que cumpriu o cristianismo, faz parte da nossa análise evidenciar a relação político religiosa cristã conservadora nos países dependentes em sua razão de ser, como parte do instrumentário da acumulação capitalista para gerar adequação dos indivíduos ao sistema vigente. Logo uma das hipóteses que nos movem diz sobre o uso da religião para o domínio objetivo (do corpo do trabalhador e da trabalhadora) e subjetivo (de um sistema de valores), os quais contribuem à manutenção do capitalismo dependente, posto que acomoda conflitos e redireciona a opressão, a culpa da pobreza não é a exploração, mas a falta de fé, a morte não se deu pelo genocídio como política de Estado, mas por uma consequência da vida de pecados — por exemplo.

Logo, a relação político religiosa nos países dependentes, não se dá só agora, em governos que demonstram de forma clara essa relação, mas sempre existiram e isso é visto na existência de bancadas religiosas nas instâncias de governo, como ocorre no Congresso Nacional no Brasil. Para mostrar como essa relação não se resume a um único país, mas é algo que ocorre de forma semelhante em outros países do contexto dependente, analisaremos as movimentações políticas que ocorreram nos últimos anos em outros países como a Bolívia e El Salvador, na qual contém governos com demonstrações muito obvias nesta relação político religiosa.

Abordamos agora, a forma de trabalhar com tais acontecimentos, ou seja, os procedimentos metodológicos da pesquisa. A pesquisa é exploratória de método bibliográfico, através de análises de documentação indireta, reportagens de alguns jornais que circulam no Brasil. A pesquisa exploratória tem como objetivo deixar o problema em maior familiaridade, esclarecer a problemática que está sendo analisada, e com o estudo de documentações indiretas, mostrar as movimentações políticas e suas ligações com a pauta religiosa na América Latina. (GIL, 2002)

A técnica de pesquisa utilizada é a análise de conteúdo, que tem como finalidade a interpretação do conteúdo presente na documentação utilizada, este método contém três fases, a de pré-análise, exploração do material e tratamento dos dados (GIL, 2008). Os veículos escolhidos são o Jornal O GLOBO e o Jornal EL PAÍS e também a Revista VEJA. A régua cronológica da pesquisa é entre os anos 2016 e 2020. O recorte a partir de 2016 tem relação com o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff no Brasil, tendo em vista a agudização das contradições políticas e ascensão de pautas conservadoras, com grande peso das bancadas evangélicas. Segundo Iasi (2017), a oposição de direita busca a retomada do seu lugar de direito no comando do Estado. Diante disso o conservadorismo político, que tem seus representantes na esfera política e no judiciário, avança, pois também eram base do governo PT e são parte fundamental do golpe que levou os aliados do governo a tomarem o poder.

Sabemos que tratam-se de veículos informativos bem diversos em seu escopo editorial, levando que a interpretação sobre esses fatos se dê de maneiras diferentes nesses jornais, entretanto a nossa intenção é fazer as análises críticas desses fatos e assim poder realizar o objetivo deste trabalho. Compreender Brasil, Bolívia e El Salvador, mesmo diante de suas diversidades históricas e culturais, é analisar esses processos a partir de uma base comum, que se coloca desde a invasão deste território. Diversos fatores se colocam como comuns na historicidade desses países, é por isso que demarcar esse espaço, não apenas fisicamente, mas também socialmente, historicamente, economicamente e politicamente, se faz necessário.

Mais do que um compromisso político e ideológico, trazer a América Latina, como uma das partes fundamentais da nossa análise, é um fator para compreendermos a realidade social. Mais do que apenas considerar a América Latina nesse debate, é mudar o eixo da nossa análise, é compreender esse território a partir da sua história concreta, da dinâmica desse espaço. Romper com as teorias coloniais, eurocêntricas, onde estas detêm as narrativas da nossa própria história, colocam a Europa no lugar onde permaneçam imutáveis,

teoricamente, dos seus privilégios, da sua dominação, da sua centralidade, do seu caráter heróico. Dessa forma, a fim de contribuir para uma visão latino-americanizada nas Ciências Sociais, é necessário se fazer uma análise crítico-dialética, de forma a gerar conhecimento crítico e autônomo sobre esse território. Diante disso, considerar o materialismo histórico, tendo como método a dialética, que é a base da filosofia marxista, se faz necessário. Entretanto, a nossa análise a partir dessa base teórica, a marxista, será realizada diante da concretude histórica desse território.

Esse trabalho é dividido em dois grandes capítulos além desta introdução, a saber: acumulação primitiva, colonialismo, religiosidade e dominação (2.0) e religião e conservadorismo político na América Latina (3.0). A intenção dessa estruturação é dar aparato cronológico e teórico diante dos acontecimentos políticos atuais na América Latina, é dar o embasamento diante da historicidade e da análise crítica ao conservadorismo político, de forma a conseguir elucidar o objetivo desse trabalho, que é fazer uma análise da movimentação política aliada ao uso religioso conservador realizada na América Latina na conjuntura contemporânea.

2. RELIGIÃO E CONSERVADORISMO POLÍTICO NA AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA

2.1 Brasil

Analisar as relações políticas econômicas ocorridas nos últimos anos na América Latina, se torna complexa, diante da diversidade das narrativas, para um grupo, Bolsonaro é um radical ultraconservador, para outro grupo, ele é o próprio “mito”, que salvou o país do comunismo. De forma a elucidar os fatos históricos políticos, ocorridos na América Latina nos últimos anos, traremos aqui a pesquisa empírica, com a narrativa diante do que a mídia, através dos jornais e revistas passou, noticiou, opinou em relação aos acontecimentos históricos.

Tal análise de pesquisa se torna ainda mais complexa no contexto brasileiro, diante do ataque que o presidente Jair Bolsonaro faz aos jornalistas e à imprensa. Segundo reportagem do jornal O GLOBO, os casos de ataque a jornalistas ou veículos de comunicação, nos últimos 9 meses, chegaram a 299. (OLIVA, GUERRA, 2020)

A mudança profunda ocorrida na esfera política institucional no Brasil, na atualidade, se deu a partir do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, tal marco mexeu com a organização política, de forma a colocar novos atores políticos no protagonismo do debate político nacional.

O PT- Partido dos Trabalhadores, foi a representação da voz da classe trabalhadora, na política. A vitória de Lula, nas eleições de 2002, foi motivo de esperança para as classes populares. Ter um homem pobre, metalúrgico, sindicalista, tinha uma representação potente. Entretanto, essa vitória acontece a partir dos arranjos políticos na qual o partido decidiu adotar, é possível observar tal ocorrido, diante da análise do discurso, na qual a diretora Petra Costa, demonstra no documentário “Democracia em Vertigem”, como mostra o jornalista Felipe Betim em matéria para o EL PAIS em 2020.

Diante da falta de apoio parlamentar, o PT a fim de ter condições de governabilidade, escolhe um caminho mais “fácil” para obter governabilidade, opta pela coalização de quem outrora eram seus oponentes. O governo Lula, desde seu primeiro mandato, adotou como estratégia o “presidencialismo de coalizão”, que consiste em moeda de troca, oferecimento de cargos, a fim de gerar beneficiamento nas negociações orçamentárias.

Essa relação não se basta, segundo análise de Mauro Iasi (2017), apenas pela necessidade de elegibilidade e governabilidade, o governo PT foi ao longo do seu processo histórico abandonando as pautas originais do programa democrático-popular, que originalmente preconizavam medidas antilatifundiárias, antimonopolistas, anti-imperialistas, as quais foram construídas no bojo do movimento popular dos anos 1980, na transição lenta gradual e segura da ditadura para a democracia. O programa original foi se modificando ao longo dos anos, de modo que o partido passou a se orientar em direção a conformação da sociabilidade capitalista posta e a partir de uma leitura sobre a ausência de condições de adensamento político para construção do socialismo no momento histórico atual. Nesse sentido, o conjunto de reformas propostas nas agendas de governo viriam no sentido de possibilitar maior ampliação do acesso pelas classes populares, entendendo por aí um caminho de democratização que futuramente levaria ao socialismo (IASI, 2017).

Durante os governos do PT a escolha foi a governabilidade pelo alto, como estratégia, abandonando assim a opção de um governo pautado na luta popular como estratégia de governabilidade (IASI, 2017).

O pragmatismo, a aliança com a burguesia monopolista, o abandono dos eixos centrais do programa democrático popular, em nome de uma mera democratização da sociedade e Estado burguês e, por fim, a restrição do horizonte da ação governamental, aos marcos intransponíveis da ordem econômica e político burguesa são expressões da adequação -e consequentemente deformação- da Estratégia Democrática Popular às condições reais de exercício do poder governamental. (IASI, 2017)

Reportagem realizada pela BBC News, mostra que o governo Dilma Rousseff, foi atravessado por grande crise econômica e por inquietações políticas, culminando nas manifestações de 2013, onde diversos atores da sociedade se uniram em grito, não apenas a oposição de esquerda ao governo, mas também, opositores de centro, da direita e alguns que simplesmente não se identificavam com nenhuma pauta político partidária, mas manifestavam sua indignação, a fim de lutar por melhorias na qualidade dos serviços públicos, contra a corrupção, que se tornou pauta fundamental das críticas ao governo PT, o estopim das mobilizações de 2013 se deu diante do aumento das tarifas do transporte público, tendo como uns dos “slogans” a frase “ Não é pelos 20 centavos”, mostrando assim descontentamento nas várias outras esferas sociais. (ODILLA, 2018)

Tal conjuntura, ameaçou as bases de apoio popular do governo, ampla parte da população se colocava insatisfeito com o governo. Segundo Iasi (2017), tal fato tornou a dependência do PT a governabilidade pelo alto, que agora tinha a possibilidade de tomar o

lugar de poder, diante do abandono das forças populares e a dependência exclusiva dos seus adversários políticos, que como estratégia, adequação ao sistema capitalista e apassivamento, se tornaram não só amigos políticos, mas parte desse governo, como pode ser observado na chapa Dilma e Temer, na qual a presidenta é do Partido dos Trabalhadores- PT, que historicamente se colocou à esquerda e como vice na chapa presidencial, Michel Temer, partido Movimento Democrático Brasileiro- MDB, que se coloca na centro-direita, como referencial político.

A efervescência política, desencadeou em um processo de tentativa de destituição da presidenta Dilma Rousseff. A burguesia, queria o poder do seu Estado burguês, sem depender de negociações, troca de favores, queriam o equipamento do Estado em sua plenitude, na qual suas bases já estavam estruturadas, a nível de apoio popular e de apoio político, diante da figura de Eduardo Cunha, de forma a destituir a presidenta eleita Dilma Rousseff de seu cargo, em um processo de impeachment, que teve seu sucesso e término dia 31 de agosto de 2016, fazendo assim com que o vice- presidente Michel Temer se tornasse presidente da República.

Na reportagem do jornal EL PAÍS, é possível observar as narrativas envolvidas no processo de impeachment, no qual causou uma drástica mudança da conjuntura política e popular. Partidos de oposição de esquerda, apoiavam que Dilma levasse seu governo até o fim e que o apassivamento do PT fosse derrotado nas urnas, por uma alternativa mais popular e ousada, que o impeachment representava um golpe, diante das acusações dúbias juridicamente para a necessidade da destituição de uma presidenta eleita. Um golpe diante do oportunismo, que representantes dessa aliança passiva, como Eduardo Cunha e Michel Temer, encontraram para tornarem-se protagonistas do poder político nacional. (BETIM, 2020)

Os partidos de centro-direita até a ultra direita conservadora, se uniram de forma a garantir os meios jurídicos e de apoio popular para que o impeachment acontecesse, fazendo assim com que, segundo Iasi (2017), esses atores, estão buscando o seu lugar de direito no comando do Estado burguês.

Partindo para uma caracterização visual dos dados de nossa pesquisa empírica, vamos trazer aqui algumas manchetes sobre esse processo, seguida da narrativa tal como apareceu na mídia esse processo:



Fonte: Veja, 2020.

Ou ainda:

Figura 2: Reportagem sobre o Impeachment da presidenta Dilma Rousseff (2016)



Fonte: Redação O Globo, 2016.

As mobilizações em torno do impeachment se multiplicaram por todo o país, a esquerda deixou de ser a única a ir para as ruas com manifestações, a direita foi para as ruas, pintada de verde e amarelo aos gritos de “fora PT”. O jornal G1, em abril de 2016, mostra que apoiadores a favor do impeachment fizeram passeatas, carreatas, painéis, usaram de slogans (como o “tchau, querida”) e um pato gigante inflável como forma de mostrar que “não vão pagar o pato”. Os contrários ao impeachment bloquearam estradas com os

movimentos rurais e ocuparam os centros das grandes cidades brasileiras, como no caso do Rio de Janeiro, onde foi organizado um grande ato-bloco de carnaval contra o impeachment.

A votação sobre o impeachment da presidenta Dilma, que ocorreu na Câmara de Deputados Federais, condensou todas as forças políticas, não só em contrários ou a favor, mas das forças que alguns anos depois tomariam a frente dos debates políticos nacionais, ao recortar aquele momento, é possível projetar quais eram os planos da burguesia para a tomada de poder.

Figura 3: Deputados em manifestações contra e a favor do Impeachment.



Fonte: Imagem de veículo de mídia da internet. (UOL, 2016)

O evento contou com uma pequena fala de cada deputado(a) sobre as motivações de voto, na qual a razão política seria a pauta da decisão. Entretanto, o que foi observado eram motivações pessoais por parte da oposição, frases como “voto pela minha família”, “voto pela minha mãe, minha filha, meus amigos”, etc. Outro ponto importante foi o número extremamente significativo de deputados(às) fazendo seu voto diante de motivações religiosas, frases como “ Por Deus meu voto é sim”; “ Por amor a Deus eu voto sim”; “Pela nação evangélica cristã eu voto sim”. Todavia, um discurso se destacou dentre todos: “pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra³, o pavor de Dilma Rousseff... por um Brasil acima de tudo, por Deus acima de todos, eu voto sim!” Tal fala foi do deputado federal Jair Bolsonaro, que dois anos depois se tornaria o presidente eleito do Brasil.

Aqui inserimos uma imagem para ilustrar o processo:

Figura 4: Bolsonaro na votação do impeachment. (2016)

Bolsonaro fez apologia de crime na votação do impeachment, diz OAB



MÁRCIO FALCÃO
DE BRASÍLIA
20/04/2016 11h38

Alan Marques - 17.abr.16/Folhapress



Deputado Jair Bolsonaro vota pelo impeachment na sessão da Câmara no domingo (17)

Fonte: Print de notícia de veículo de mídia da internet. (UOL,2016)

O impeachment de Dilma Rousseff, marca uma mudança significativa nos rumos da política brasileira, e o recorte da votação na Câmara de Deputados é uma pequena demonstração dos múltiplos atores que estavam motivando a política e a sociedade. O discurso do ódio ao comunismo, a presença do discurso religioso cristão, o enaltecimento de um determinado modelo familiar, a defesa dos valores considerados morais da sociedade, a construção da imagem do PT como um risco aos interesses do “cidadão de bem”, da família, do capitalismo, são partes de um mesmo plano para a retomada do Estado para a mão da burguesia.

As ações do PT nos anos que tiveram no poder, vão de encontro a essa ideia de um partido ligado aos ideais comunistas. Segundo a redação da Folha de São Paulo, o próprio ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva assume que os bancos nunca lucraram tanto como no seu governo (Redação F. de São Paulo 2006). Logo, é possível observar que essa imagem do PT foi forjada a fim de gerar legitimidade ao processo do impeachment.

Diante de tal efervescência, a sociedade como um todo se envolveu nas tramas da esfera política, a população estava mais atenta aos noticiários, a pauta política se tornou de interesse para pessoas que antes nunca haviam se interessado sobre a questão. As redes

sociais têm grande importância nisso: o acesso a informações se tornou mais fácil e rápido, as pautas políticas conseguem chegar a um grande número de pessoas e, diante disso, um novo elemento surgiu na esfera da política, as *fakes news*. Notícias falsas divulgadas para uma ampla quantidade de pessoas a fim de gerar uma imagem política, as *fakes news* foram grandes formadoras de opinião diante do cenário brasileiro.

Em um país periférico, no qual a grande massa da população não tem acesso à informação e educação de qualidade, onde o sistema capitalista em sua particular reprodução dependente empurra essas pessoas à miséria e o Estado nega os direitos básicos a população trabalhadora, pobre, periférica e negra, fazendo assim com que sejam impedidos de ter acesso ao conhecimento sobre sua história, origem, ancestralidade.

Se temos uma população pauperizada, superexplorada, que têm jornadas enormes de trabalho, onde a mobilidade urbana faz com que os trabalhadores percam tempo de qualidade de vida nos transportes para ir e voltar de seus trabalhos, vivem em situações de extrema violência, violências de diversas formas, tanto o medo da morte por bala perdida, por invasão no território que se vive, pela cor da pele que nasceu, como também a violência velada do medo da morte por adoecer, de não poder deixar de trabalhar, de não ter atendimento digno por escassez na saúde pública. O trabalhador pobre, latino-americano, majoritariamente de origem negra e indígena, e são a maioria da população desse território, tem como centralidade da sua vida a preocupação pela sobrevivência, pela manutenção de sua vida e dos seus.

Tais elementos são importantes quando ouvimos as críticas sobre a grande massa da população acreditar nas *fake news*, ou apoiar um governo ultraconservador e neoliberal. Analisar a situação real da nossa população e entender os multifatores que levam a grande população a apoiar e votar, e não apenas isso, acreditar no ideal, a se envolver novamente na política, são importantes para não termos uma ideia de culpabilização desses sujeitos. Entretanto esse não é o foco do nosso debate.

O impeachment da presidenta Dilma Rousseff levou ao poder o vice-presidente da chapa presidencial, Michel Temer, um dos articuladores do golpe. Representante do PMDB, levou um partido de centro-direita de volta à presidência da República, dessa forma o topo da estrutura política do Estado burguês volta para a burguesia. O governo Temer durou 2 anos (2016-2018), marcado por grande insatisfação da população. Segundo reportagem do UOL, 74% da população considerava o governo ruim ou péssimo. Com escândalos de corrupção, o governo realizou uma série de reformas, entretanto houve um aumento da pobreza extrema (RAMALHOSO, 2018).

O governo Temer alinhou, ainda mais, os ideais neoliberais na esfera econômica do país. As reformas feitas nesse período representam esse alinhamento, de forma a gerar maior exploração do trabalho e maior retirada dos direitos da população, como a PEC 241/55, PEC de teto de gastos públicos, nomeada pela oposição como “a PEC do fim do mundo”, que congela os gastos do governo por 20 anos, prejudicando assim os investimentos de saúde e educação e segurança. Em 2017 a reforma trabalhista foi uma ação direta contra os direitos dos trabalhadores, de forma a flexibilizar os direitos já adquiridos, gerando assim maior exploração de trabalho.

As eleições de 2018 foram marcadas por uma disputa política muito forte: a imagem do PT, desde o impeachment da presidente Dilma, foi construída como inimigo a ser combatido, como os responsáveis por levar o país para um fracasso econômico, no qual havia o objetivo implantar o comunismo no Brasil. As pautas de cunho moral também foram fator importante na imagem antipetista e antiesquerdista: como exemplo, a reportagem da Veja mostra que Bolsonaro acredita que existe uma ideologia de gênero aonde os professores nas escolas ensinariam as crianças sexo. Isso foi um fator de ataque à discussão sobre violências sexuais (REDAÇÃO VEJA, 2019).

O discurso conservador cristão foi protagonista nesse momento histórico. Em um país laico, a existência de bancadas religiosas na câmara de deputados federais e no senado federal é uma ameaça à democracia. A bancada evangélica, bancada católica e bancada espírita, representam a bancada religiosa: são bancadas parlamentares compostas por inúmeros políticos de diferentes partidos, a fim de defenderem seu interesse baseados em suas convicções religiosas, tem como pauta o que consideram “direitos da família”, que tem como objetivo conservar o modelo da família tradicional e os valores que antes eram considerados importantes para essa instituição. Dessa forma, sua articulação se coloca contra a descriminalização do aborto, contra o casamento gay, entre outras pautas importantes para os movimentos sociais.

As pautas como luta dos direitos das mulheres, direitos da população LGBTQIA+, direitos da população negra e indígena, defendidas pela esquerda, são combatidas por lideranças político-religiosas como ameaça aos valores cristãos. Logo, se faz necessário combater esse mal, que é o comunismo, a esquerda — porém isso não se restringe à esfera política. Para a população, isso também é um objetivo: a ideia de que a esquerda irá acabar com a família, com o cristianismo, é utilizada como arma para que os fiéis se mantenham na reprodução do conservadorismo diante do medo de estar pecando contra Deus, o medo do inferno.

As eleições de 2018 aconteceram no meio desse caldo político. O nome de Jair Bolsonaro, um deputado federal sem grandes vitórias políticas nos últimos anos, se tornou forte para a presidência da República, contrariando a oposição que não acreditava que ele pudesse alcançar grande expressão nas eleições. Ele não só alcançou, como ganhou as eleições, com 55% dos votos, contra 44%, de Fernando Haddad, representante do PT.

A vitória de Bolsonaro se dá diante de uma resposta negativa ao PT, segundo a reportagem do Brasil de fato: o antipetismo foi o que motivou a vitória de Bolsonaro. O Partido dos Trabalhadores estava há 14 anos no poder, nesse tempo o país passou por avanços e recessões no nível econômico e um grande avanço no nível social, diante das políticas sociais e de distribuição de renda. A insatisfação política diante da falta de representatividade da população, diante da recessão econômica que fez com que milhões de brasileiros ficassem desempregados, os escândalos de corrupção, principalmente após o mensalão, e o oportunismo da elite do país em voltar para o topo do poder político, desencadeou uma onda de movimentação à favor de Jair Bolsonaro. Logo, sua vitória não se dá por seus feitos políticos, mas sim por uma oposição ao PT, junto a crescente onda de pensamento conservador, que o fez presidente do país (PINA, 2018).

Em abril de 2018, o presidente Lula foi preso diante da acusação de corrupção. Tal ação foi comandada pelo juiz federal Sérgio Moro, que se tornou ministro da justiça do governo Bolsonaro. Os apoiadores de Lula defendem que a prisão tinha um cunho arbitrário e de estratégia política, a fim de tirar Lula das eleições presidenciais, pois a popularidade de Lula era uma ameaça ao plano da burguesia de tomar o poder em 2019. Depois de Bolsonaro ter ganhado as eleições e ter se tornado presidente, Lula foi solto.

Figura 5: Lula no Sindicato dos Metalúrgicos no ABC paulista, ao ter sua prisão decretada. (2018)



Fonte: Redação Veja, 2018

O governo Bolsonaro, chegou ao poder com a promessa de “varrer os marginais vermelhos”, com uma pauta não só liberal, mas extremamente conservadora, atentando aos direitos conquistados de mulheres, negros e negras, indígenas e LGBTs — como aparece na Revista Fórum, uma reportagem na qual Bolsonaro em uma palestra declara: “Eu tenho 4 filhos, na 5ª dei uma fraquejada e veio uma mulher” (REDAÇÃO FÓRUM, 2017), assim também aparece, segundo a Universa, que o presidente declara “Brasil não pode ser um país do mundo gay, pois temos família” (Redação Universa, 2019).

Bolsonaro tem como parte do seu eleitorado o povo cristão, e o apoio em massa das maiores igrejas do país culminou no apoio da população evangélica e católica a Bolsonaro. A bancada parlamentar evangélica é 89% fiel a Bolsonaro nas votações, suas falas são direcionadas a esse público, como no seu slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Uma matéria da Revista Época (2018), mostra que o sentimento antiesquerda foi tomado nos setores religiosos. Em um país onde mais de 80% da população se declara cristã, católicos ou evangélicos, conquistar o apoio político dessas pessoas se torna estratégico para manter-se no poder, entretanto o que foi visto nos últimos anos não foi meramente um diálogo com essa população, mas sim uma aliança entre a burguesia e os líderes-religiosos, a fim de gerar convencimento de que a esquerda, representada pelo PT, é uma ameaça aos valores cristãos, e a ultradireita é a representação da vontade de Deus na política. As igrejas ocupam um papel central na vida do povo mais pobre do Brasil, aquele espaço se torna lugar de acolhimento, afeto, amizade e de esperança para as pessoas, principalmente, diante do sofrimento das violências vividas. Dessa forma, o discurso político-religioso de Bolsonaro tem uma comunicação fácil e direta com grande quantidade da população. (ABBUD, 2018)

Figura 6: Presidente Bolsonaro orando em rede nacional, após vitória nas eleições.



Fonte: G1, 2018.

Na esfera econômica o governo Bolsonaro, representado pelo seu ministro da economia, Paulo Guedes, tem um alinhamento com o ultra neoliberalismo e com o imperialismo norte americano. O principal efeito econômico do governo Bolsonaro foi a reforma da previdência levada a cabo no ano de 2019, na qual o discurso que se popularizou era que a previdência teria quebrado, e para manter esse direito uma reforma teria que ser feita. Entretanto, a reforma é uma iniciativa de superexploração desse trabalhador, pois vai fazer com que se aposente mais velho. Bolsonaro também representa grande ameaça à educação pública e de qualidade, com corte nas verbas destinada a essa política.

O governo Bolsonaro, é a maior ameaça à democracia desde o fim da ditadura militar, seu discurso não só conservador, mas também genocida, causa grandes repercussões, o torna um popular, pois “fala como o povo, fala o que o povo pensa”, seu governo chegou ao poder junto com a elite econômica do país, e se desenvolve sendo fiel a eles, diante de um alinhamento com os ideais privatista, capitalistas e neoliberais. Bolsonaro é uma ameaça a tudo que foi conquistado a nível de avanço das lutas sociais.

2.2 Bolívia

Analisar como a mídia mostrou e se posicionou, durante os últimos anos, na esfera política Boliviana, detém de algumas particularidades, tendo em vista os limites da análise de conjuntura de um outro país, diante da dificuldade de não estar pisando o mesmo solo, de não estar presenciando os processos ocorridos em seu território, por mais que essa experiência esteja ligada e seja parte de uma visão macro, de algo maior, que se relaciona com o território da autora.

Conforme explicitado na metodologia, o escopo da pesquisa abrange matérias de jornais, de veículos online, brasileiros e bolivianos. O caso particular da Bolívia guarda muitas semelhanças com o processo vivido no Brasil durante os últimos anos, entretanto, não estamos realizando um estudo comparativo – dada a impossibilidade de fazer comparações entre um processo e outro, pois cada país tem suas particularidades sócio-históricas, como já comentado – trata-se apenas de uma análise descritiva-ilustrativa das experiências.

Evo Morales foi o primeiro e único indígena a ocupar o cargo mais alto do poder político boliviano. Segundo reportagem do jornal Estadão (2019), Morales foi agricultor, vivia da plantação de coca, chegou na política através do sindicalismo, e teve seu primeiro cargo político, como deputado nacional, em 1995. Em 2006 teve vitória eleitoral comopresidente da república. (REDAÇÃO ESTADÃO, 2019). Tal acontecimento é um marco por

ter um indígena, agricultor, seguindo a pauta da esquerda, em um país racista na qual a maior parte da população é indígena. Evo tinha um compromisso forte com o anti-imperialismo e o anticapitalismo, como mostra essa manchete da Carta Capital:

Figura 7: Evo Morales sob influência estadunidense



Fonte: Carta Capital, 2020

Segundo reportagem do jornal online do UOL, a Bolívia reduziu os índices de pobreza durante o governo de Evo Morales, a extrema pobreza caiu de 38,2% para 17%. Economicamente, o país cresceu de forma a se destacar no cenário latino-americano. (ALIAGA, 2016)

Entretanto, reportagem da BBC informa que os últimos anos do governo Morales foram de tensão, mesmo diante do apoio popular e da maioria de deputados no congresso, escândalos de corrupção teriam abalado a credibilidade do governo (ZAMORANO, MIRANDA, 2019). O estopim para o grande aprofundamento da crise política foi a tentativa do 4º mandato de Evo Morales no qual, segundo reportagens da UOL, teria sido feito um referendo em 2016 para que o presidente pudesse se candidatar mais uma vez, porém a maior parte da população teria votado pelo “não”. Diante da derrota no referendo, o governo tenta outras estratégias para legitimar mais uma candidatura de Evo, recorrendo ao Tribunal Constitucional para aprovar sua candidatura. Ela é aprovada, gerando assim grande insatisfação da oposição e das organizações que cobravam para que o referendo fosse cumprido (REDAÇÃO UOL, 2019).

Reportagens da BBC e do Estadão continuam a aprofundar o estopim dessa crise que foi a contagem dos votos da eleição presidencial. Após as eleições, houve uma contagem de

votos rápida que apontou uma diferença de 4,5% de votos para Evo Morales, dando assim um possível segundo turno entre Morales e Mesa. Na recontagem houve uma pausa de 20 horas e, após esse tempo, a contagem retomou com 80% das urnas apuradas, dando vitória para Morales em primeiro turno (REDAÇÃO ESTADO S. PAULO, 2019).

Diante disso, a oposição já falava em fraude. O governo solicitou à OEA — Organização dos Estados Americanos — uma auditoria para sanar as dúvidas. A auditoria feita descredibiliza o governo, com a OEA se posicionando de forma contrária a Morales, alegando que estatisticamente ele não teria vencido as eleições, e que encontrou sinalização de possível fraude como cédulas de votação alteradas, que o processamento dos votos não foi respeitado e que havia manipulação dos dados. Diante disso, Morales anunciou que convocaria novas eleições. (ZAMORANO, MIRANDA, 2019).

Durante esse processo, as ruas ficaram lotadas de manifestações a favor e contra o governo de Evo, as manifestações tomaram um rumo violento, levando à morte de dezenas de manifestantes. As forças que antes apoiavam Evo, agora, estavam contra o governo, como as Forças Armadas, a polícia e até mesmo algumas organizações sindicais, como a COB- Central Operária da Bolívia, que é a maior central sindical boliviana.

Figura 8: Protestos contra Evo Morales



Fonte: El País, 2019

Organizações como as Forças Armadas, COB, não pediam apenas novas eleições, mas sim a renúncia de Evo, para assim, com ele fora da disputa, serem feitas novas eleições. É importante destacar uma figura desse processo, que era uma voz potente contra Evo e pedia pela sua renúncia: Fernando Camacho, representante da elite empresarial boliviana e também de religiosos. Suas aparições públicas sempre estão ligadas a figuras religiosas cristãs.

A polícia se juntou às manifestações contra Evo e declarou que não iria mais reprimir as manifestações. Os policiais que faziam a guarda do palácio presidencial abandonaram seus postos e se juntaram em manifestação contra o governo.

Figura 9: Policiais em manifestação contra Evo Morales.



Fonte: Folha de São Paulo, 2019

Depois de 3 semanas de atos por todo o país, principalmente em cidades que historicamente apoiaram o governo, as manifestações estavam tão fortes entre opositores e apoiadores de Morales que casas foram saqueadas, líderes do governo perseguidos e houve mortos e feridos nas manifestações de rua. Um caso que se tornou muito famoso foi o da prefeita da cidade de Vinto, do mesmo partido de Morales, que foi agredida e sequestrada pela oposição.

Figura 10: Patricia Arce sendo escoltada pela polícia após agressão



Fonte: O Globo, 2020.

Após anunciar as novas eleições, o líder das forças armadas, Williams Kalliman, pediu para que o presidente, Evo Morales renunciasse, a noite, do mesmo dia da declaração de Willian, Morales, renuncia em rede nacional seu cargo:

“Renuncio para que [Carlos] Mesa e [Luis Fernando] Camacho não continuem a maltratar os familiares de nossos companheiros, não

continuem atacando ministros e deputados, para que parem de maltratar os mais humildes”, disse Morales. “A luta não termina aqui. Os humildes, os patriotas, vamos continuar lutando pela igualdade e a paz. Espero que tenha entendido minha mensagem, Mesa e Camacho, não prejudiquem os pobres, não causem danos ao povo. Queremos a volta da paz social. Grupos oligárquicos conspiraram contra a democracia. Foi um golpe de Estado cívico e policial. Dói muito o que se passou.” (Discurso de renúncia de Evo Morales. Molina. 2019.)

Alguns canais midiáticos apontam que, para os apoiadores de Evo Morales, ele renunciar diante de um pedido das Forças Armadas, é uma ameaça, logo essa ação se caracterizaria como um golpe. Um dia após sua renúncia, Evo Morales pediu asilo político no México, que o recebeu, depois que Evo continuou seu asilo na Argentina. (REDAÇÃO G1, 2019)

Figura 11: Invasão na casa de Evo Morales antes da renúncia.



Fonte: BBC, 2019.

Segundo reportagem da BBC, no dia da renúncia, o opositor Fernando Camacho adentra o palácio do governo com a bandeira da Bolívia e a bíblia na mão, se ajoelha diante da bíblia e da bandeira e faz uma oração transmitida nas redes sociais, minutos antes de Evo anunciar sua renúncia. (MIRANDA, 2019).

Figura 12: Invasão de Camacho ao palácio do governo



Fonte: Revista Foram, 2019

A renúncia de Morales desencadeou uma série de outras renúncias de pessoas que ocupavam cargos de apoio ao governo, fazendo com que a linha de sucessão da presidência fosse, Jeanine Anez, dessa forma, sem quórum para aprovação, diante da manifestação dos parlamentares do MAS, partido de Evo, que são maioria no congresso e no senado, não participaram da votação, sendo assim, Jeanine Anez se autodeclara, presidenta da Bolívia. Segundo reportagem do UOL, a presidenta interina em sua aparição na sede do governo, Jeanine levanta uma bíblia e declara “a bíblia está voltando ao palácio”.

Figura 13: Presidenta interina na frente do palácio do governo com a bíblia.



Fonte: Veja, 2019.

Segundo reportagem do G1, após a renúncia de Evo, os protestos de rua se intensificaram, apoiadores do governo bloquearam estradas e foram às ruas, tiveram confronto com a polícia, ao todo desde o início dos protestos a Bolívia conta 23 mortos e 715 feridos. Diante de tal contexto, a presidenta autoriza a participação das Forças Armadas na conservação da ordem pública e os isenta de crimes. (REDAÇÃO G1, 2019)

Segundo reportagem do G1, as novas eleições bolivianas ocorreram em 18 de outubro de 2019, e tiveram a vitória Juan Arce, filiado ao MAS, ex-ministro da economia de Evo Morales e apoiado por ele, que é eleito em primeiro turno presidente da Bolívia, dando continuidade a tomada da política de esquerda construída por Evo Morales. Diante de tal ação

e apaziguamento das manifestações de rua, Evo Morales retorna a Bolívia, após um ano de asilo. (REDAÇÃO G1, 2019)

Figura 14: Evo Morales sendo recebido pelo povo, em sua volta à Bolívia



Fonte: O dia, 2020

2.3 El Salvador

El Salvador é um país latino-americano que se localiza na América central, diferentemente dos outros países abordados neste trabalho que se encontram na América do Sul. Segundo o jornal El País, a corrupção, o aumento da violência e a indiferença em relação às bandeiras tradicionais da esquerda foram alguns fatores para a derrota do FMLN, partido de esquerda que estava no poder. Com um trabalho muito forte pelas redes sociais que consequentemente conquistou os jovens, com um discurso simples e com a promessa de acabar com a violência, Bukele se tornou o favorito para ocupar o cargo da presidência. As propostas de Bukele também tinham como foco a infraestrutura, em sua campanha prometeu a construção de um porto, trem e aeroporto. Entretanto, na situação econômica do país, realizar esses objetivos, seria uma problemática. (GARCIA, 2009)

Outra reportagem do jornal El País abordou que o presidente Nayib Bukele ordenou demissões via *twitter*, a demissão de todos os funcionários indicados pelo antigo partido que estava no poder, a FMLN, e seus tweets eram obedecidos imediatamente, assim como outros componentes do governo que se comunicam e tomam decisões políticas na rede social, como exemplo da Ministra de Desenvolvimento Local do governo, que reclamou da morte de

crianças pois a falta de uma ponte as impediu de chegarem ao hospital, fazendo então um tweet e marcando o presidente, tendo assim seu pedido de construção da ponte atendido.

Essa forma de governar causou grandes polêmicas, principalmente porque um jovem que fez sua campanha e governa com as redes sociais conquistou 53% dos votos, deixando partidos históricos de lado. Entretanto, a coragem que prometia para fazer uma gestão mais competente e para enfrentar a violência não tinham ainda sido colocadas como propostas ou sugestões de como fazer essas políticas públicas acontecerem, o que se via no começo do mandato eram movimentações nas redes sociais. (BARRAGÁN, MALDONADO, 2019)

Figura 15: Nayib Bukele invade o congresso com as Forças Armadas



Fonte: G1, 2020

Figura 16: Presidente senta na cadeira do presidente do congresso



Fonte: El Pais, 2020

Em reportagem no jornal El país (2020), o presidente Bukele concedeu uma entrevista a respeito do episódio em que adentrou o Congresso Nacional com militares armados para

aprovar um empréstimo que se destinaria para suas ações sobre a segurança pública. Como a quantidade de deputados, que em sua maioria são parte oposição, não era o suficiente para aprovar o empréstimo, Bukele utiliza de outras estratégias para conseguir o que quer: ao invadir o congresso, se assenta na cadeira do presidente e dá início à sessão, dizendo que o fazdiante de um direito divino.

Figura 17: Presidente discursando com as Forças Armadas atrás.



Fonte: El Pais, 2020

Segundo coluna do jornal eletrônico Isto é, o mês de fevereiro de 2021 foi de fundamental importância na vida política de El Salvador, pois era o momento em que se fizeram novas eleições legislativas. É um momento de extrema importância, pois Bukele quebrou a alternância de poder que existia entre um partido de direita e outro de esquerda do país, logo o legislativo é a representação dessa alternância, contendo deputados dessas linhas ideológicas. Entretanto, Bukele tem dificuldade de governabilidade e as eleições são uma aposta para se ter mais apoio no legislativo.

Após um ano do episódio na qual o presidente invade o Congresso, manifestantes fazem protestos contra as medidas autoritárias de Bukele durante seu governo e principalmente sobre como tem levado as medidas de segurança na pandemia do coronavírus. Os manifestantes são contra a visão autoritária do presidente, entretanto as manifestações são interrompidas pelos gritos de apoio de outros manifestantes a favor do governo. Logo, é possível perceber a tensão política vivida no país. (REDAÇÃO ISTO É, 2021)

Figura 18: Manifestante se opondo ao governo de Bukele



Fonte: Isto É, 2021

Figura 19: Protesto contra Bukele



Fonte: G1, 2021

Segundo o G1, deputados ligados ao partido de direita ARENA fizeram um pedido a uma comissão do congresso para que impedissem ele, alegando incapacidade mental diante do discurso de ódio. Velasquez, deputado que fez o pedido, alega que Bukele acha que está acima da lei, e que estão diante de um louco que não pode governar o país. A comissão que analisará o pedido é composta por 13 membros, sendo 10 opositores, com a aprovação do pedido, Bukele teria que passar pela análise de uma equipe médica e depois um terço dos deputados precisam votar a favor da destituição do presidente. (REDAÇÃO G1, 2021)

No combate ao novo Coronavírus, Bukele continua a mostrar as faces de seu autoritarismo. Segundo reportagem da Folha de São Paulo (2020), o presidente de El Salvador impôs uma quarentena obrigatória, onde quem desobedecer pode ficar detido por 30 dias em centros de detenções, e cerca de 4,236 pessoas foram detidas, segundo a reportagem da Folha de São Paulo. Existe também uma grande militarização: o presidente ordenou que as Forças Armadas fossem às ruas a fim de fiscalizar o descumprimento das medidas de isolamento social, como exemplo o presidente ordenou que a cidade de *Puerto de la Libertad*, fosse

fechada pelas Forças Armadas, de forma que todos os moradores ficassem em casa e o comércio fosse todo fechado. A oposição, mesmo que concorde com as medidas mais radicais de distanciamento social, questiona a forma como Bukele está levando as tomadas de decisões, pois não estão sendo discutidas nas casas legislativas, mas sim em ordens dadas diretamente pelo presidente via Twitter. Ao ser questionado por isso, Bukele deslegitima o cumprimento da Constituição e afirma que em casos emergenciais, como a pandemia, é ele quem manda (COLOMBO, 2020).

Outro ponto que mostra seu autoritarismo é na esfera da segurança pública. Durante a pandemia, segundo a Revista Época (2020), houve um aumento súbito da violência no país, em um único dia mais de 20 pessoas foram assassinadas. Como medida para controlar a violência, Bukele autoriza o uso de força letal pelas Forças Armadas no combate à violência. Logo, o presidente de El Salvador está autorizando a morte de pessoas no território salvadorenho. Diante do aumento da violência, Bukele determinou situação de emergência nos presídios. O governo acredita que esse aumento da violência foi dado por ordens de membros das facções que estão presos. Para diminuir o contato entre os presos, Bukele tomou várias medidas autoritárias e que ferem os direitos humanos. A divisão de celas por membros da mesma facção (*maras*, como chamam em El Salvador) terminou, e agora uma mesma cela servirá para membros de gangues diferentes. Fotos liberadas pelo governo mostram detentos de facções diferentes aglomerados juntos em uma penitenciária. (DIAZ, 2020)

Figura 20: Homens aglomerados em penitenciária



Fonte: Folha de São Paulo, 2020

Outras medidas foram incluídas no que eles chamam de situação de emergência, como a proibição de visitas, a proibição do banho de sol e até mesmo o fechamento total da cela, de forma a não poder enxergar o que está fora dela, praticamente caixas na qual as pessoas estão amontoadas 24 horas por dia com membros de gangues rivais.

Diante das medidas autoritárias, Bukele ainda sim, tem alto índice de aprovação por parte da população, o governo Bukele reduziu as taxas de violência de um dos países mais violentos do mundo, em 2018, a taxa de homicídio era de 51 para 100 mil habitantes e passou para 38,5 em 2019. A aprovação de Bukele chega a 85,9 %, segundo reportagem da Folha de São Paulo. (COLOMBO, 2020)

3. ACUMULAÇÃO PRIMITIVA, COLONIALISMO, RELIGIOSIDADE E DOMINAÇÃO

3.1 Pensando a história: Acumulação primitiva, colonialismo e religião como ideologia

Esse trabalho traz como referência 3 países, nem todos localizados em um mesmo território. Trazemos aqui dois países sul americanos, Brasil e Bolívia, e um localizado na América Central, El Salvador. A escolha destes foi realizada a partir dos recentes acontecimentos políticos em cada um deles, entretanto, para fazer uma reflexão crítica da historicidade desses países, seria possível trazer a história de qualquer dos países que constituem a América Latina. Com isso algumas perguntas podem surgir como: Por que utilizamos essa afirmação? Por que falar na América Latina, se o continente americano é dividido em América do Sul, América Central e América do Norte?

Utilizamos, e não só utilizamos, mas defendemos a América Latina. A constituição dessa não se dá a partir do território, pois países de todas as regiões da América, desde a América do Norte, como o México, até o Uruguai, América do Sul, pertencem à América Latina. O que melhor define a América Latina é a partilha de uma historicidade em comum, de um território invadido e expropriado, de um espaço que não só na invasão foi subjugado, mas que se constituiu dentro de um cenário capitalista internacional, como países dependentes. Essa dependência tem sua base estrutural nos processos de invasão consolidados com a acumulação primitiva de capital durante o período colonial, que são o embrião do

capitalismo dependente que se consolida posteriormente, a partir da impetração do capital imperialista estrangeiro e libertação da força de trabalho nos respectivos países.

Netto e Braz (2009), falam sobre a acumulação primitiva em Marx. Segundo os autores, a acumulação primitiva em Marx é uma crítica a acumulação primitiva clássica: para ele, a acumulação primitiva é fruto de mudanças das relações sociais, destacando os cercamentos, a expropriação dos camponeses de suas terras e instrumentos de trabalho. Entretanto, Marx também coloca que a colonização foi um fator fundamental na acumulação primitiva.

Dessa forma, a acumulação primitiva se deu a partir dos processos coloniais nas Américas. A ideia de expandir mercados, principalmente por Espanha e Portugal, (destacando Espanha, que tinha grande capacidade e investimento financeira na busca por novos territórios e mercados) que eram países da periferia europeia, foi o que motivou as grandes navegações, e principalmente a de 1492, liderada por Cristóvão Colombo, que chegou nas Américas, no dia 12 de outubro de 1492, momento que historicamente se tornou o “descobrimento das América”, salientando que tal termo detém de um sentido colonialista e eurocêntrico, sigo com Enrique Dussel, que relaciona esse “descobrimento” com um encobrimento, encobrimento do outro.

A invasão, como neste trabalho será referido tal momento histórico, gerou aos europeus uma grande quantidade de matéria-prima, ouro, madeira, pedras preciosas, que foram saqueados de terras Americanas para o continente europeu. Mais tarde, a escravização de corpos indígenas e africanos gerou lucros exorbitantes para a Europa, diante de um mercado que sequestrou e assassinou milhares de pessoas de seus territórios. Tais condições, a invasão das terras, o saqueamento dos bens naturais e a escravização, geraram um acúmulo de riqueza grande para Europa, o que permitiu a aurora da era de ouro do sistema capitalista. O marco da revolução industrial, tem em suas bases o início do sistema capitalista, teve seu financiamento na invasão das Américas e lucros advindos da escravização.

Enrique Dussel utiliza o termo “mito da modernidade” (1993), mito esse que coloca a Europa como o centro da história mundial, mito forjado para construir uma superioridade do continente europeu em detrimento dos outros. Essa ideia coloca que sua produção fosse a melhor, suas ideias fossem melhores, sua cultura fosse melhor, e o resto do mundo bárbaros que precisavam ser dominados, com isso o autor afirma que a modernidade é realmente um fato europeu, mas não por si só, ela é diante de um dialética com o não europeu, esse precisa existir como sujeito/espaco a ser dominado, logo a modernidade nasce quando a Europa se

relaciona com um outro e o confronta, com violência e dominação, o autor define como “ego” descobridor.

A modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas “nasceu” quando a Europa pôde se confrontar com o seu “Outro” e controlá-lo, vencê-lo, violá-lo: quando pode se definir como “ego” descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria modernidade. De qualquer maneira, esse outro, não foi “descoberto”, como outro, mas foi “encoberto”, como o “si mesmo”, que a Europa já era desde sempre. (DUSSEL, 1993, p. 8)

A modernidade, contada historicamente por muitos autores como momento emancipador de construção de novas relações sociais, da clareza dada pelas luzes do Iluminismo é, na verdade, um momento, onde a Europa se coloca como centro do mundo, e o resto como periferia, justificando assim a construção do outro como dominado, e a Europa como conquistadora. A América Latina, foi a primeira periferia da história moderna europeia. (DUSSEL, 1993)

Com a colonização da América foi construído um padrão de funcionamento de produção de mercadorias. A América Latina tinha a função de fornecimento de matérias primas que eram levadas para a Europa para produção e venda das mercadorias, logicamente o montante de valor arrecadado das vendas era majoritariamente pertencente à Europa, na América Latina, a lógica é de um trabalho mais árduo e não remunerado tendo em vista a escravização de negros e indígenas. Diante disso, configura-se uma nova forma de padrão, o poder pertencente a Europa tornava as colônias, e depois os Estados-Nação, diretamente dependente dela, logo o sistema capitalista nasce e se reproduz a partir de uma estrutura muito bem formada, entre centro e periferia, entre quem comanda e quem é comandado, entre quem tem poder e quem não tem. O sistema capitalista detém essa relação de dependência para funcionar, precisa que exista periferia e centro, países que não produzem tecnologias mas só forneçam matéria-prima e países que comprem a matéria prima, produzem tecnologias e depois vendem para esses mesmos países periféricos.

Na medida em que aquela estrutura de controle do trabalho, de recursos e de produtos consistia na articulação conjunta de todas as respectivas formas historicamente conhecidas, estabelecia-se, pela primeira vez na história conhecida, um padrão global de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. E enquanto se constituía em torno de e em função do capital, seu caráter de conjunto também se estabelecia com característica capitalista. Desse modo, estabelecia-se uma nova, original e singular estrutura de relações de produção na experiência histórica do mundo: o capitalismo mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118)

Aníbal Quijano (2005), vai inaugurar a ideia da "colonialidade do poder", na qual relaciona a relação do imperialismo com o fator racial, para Quijano, as diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, fez com que nasça relações sociais a partir da marcação de identidades raciais. Nasce uma divisão a partir do fenótipo, negros, indígenas, mestiços, assim como europeu, foram categorias criadas de classificação racial para a dominação dos últimos sobre os primeiros. Diante das relações de poder que ali surgiram, onde o europeu detinha a violência e poder, essas diferenças fenotípicas foram associadas a hierarquias, funções sociais e também, de divisão do trabalho "Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população" (QUIJANO, 2005). Dessa forma, uma divisão do trabalho a partir da raça, ocorreu no mundo todo com os povos colonizados, negros, indígenas, mestiços, amarelos estavam de baixo da hierarquia europeia, esses detinham de um trabalho não assalariado, enquanto europeus detinham de cargos remunerados e de prestígio social.

No curso da expansão mundial da dominação colonial por parte da mesma raça dominante – os brancos (ou do século XVIII em diante, os europeus) – foi imposto o mesmo critério de classificação social a toda a população mundial em escala global. Consequentemente, novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos e azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços. Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racistado trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial. Assim, cada forma de controle do trabalho esteve articulada com uma raça particular. Consequentemente, o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um grupo específico de gente dominada. Uma nova tecnologia de dominação/exploração, neste caso raça/trabalho, articulou-se de maneira que aparecesse como naturalmente associada, o que, até o momento, tem sido excepcionalmente bem-sucedido. (QUIJANO, 2005, p. 119)

Aimé Césaire (2020) diz que essa civilização, na verdade, é proletarização e mistificação, ele traz uma reflexão sobre os papéis sociais da colonização, e como até na contemporaneidade, esses papéis sociais, principalmente raciais, se mantêm. Na população dos países periféricos, principalmente, negros e indígenas, existe uma relação de coisificação, onde se é tirado a humanidade desses indivíduos, o colonizador tem o papel da força e da violência e o colonizado, é um instrumento de produção. (2020)

Entre o colonizador e o colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.

Nenhum contato humano, porém, relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção.

É a minha vez de apresentar uma equação: colonização = coisificação. (CÉSAIRE, 2020, p. 24)

Pois, enfim, precisamos nos decidir e dizer, de uma vez por todas, que a burguesia está condenada a ser cada dia mais hostil, mais abertamente feroz, mais desprovida de vergonha, mais sumariamente bárbara; que é uma lei implacável que toda classe decadente se transforme em um receptáculo para o qual fluem, todas as águas sujas da história; que é uma lei universal que toda classe, antes de desaparecer, deva primeiro desonrar-se de forma completa, omnilateral, e que, com as cabeças enterradas sob o estrume, as sociedades emitam seu canto de cisne” (CÉSAIRE, 2020, p. 55)

Além do domínio da terra, dos corpos, do trabalho, era necessário também o domínio do espírito, do comportamento, só assim que de fato a população originária estaria totalmente dentro do arcabouço do capitalismo e cooperando para sua manutenção. Para isso a dominação religiosa, foi usada pois os indígenas eram vistos pelos europeus como bárbaros, primitivos, em melhor dos casos, quase como crianças. Sua cultura era menosprezada, demonizada, seus costumes, suas leis, regulamentos morais, crenças eram todos considerados inferior à cultura europeia iluminista “da razão”. (DUSSEL, 1993)

Dussel (1993), coloca que esse processo é muito contraditório, pois o cristianismo gira em torno de um discurso que prega o amor, um homem inocente assassinado pelo Estado é considerado Deus, a comunidade que o adora e relembra sua memória é a igreja, e em nome desse Deus é que os indígenas têm suas culturas destruídas e seus corpos violentados. Dussel (1993) coloca que esse processo de racionalização é próprio do mito da modernidade, se constrói um mito na bondade (mito civilizador), que está levando o bem, a luz, para salvar almas perdidas, de forma a legitimar a violência e se inocentar pelo assassinato.

Agora Deus era o fundamento (Grund) do planejado. Assim como Hegel afirmava “religião é o fundamento do Estado”, quer dizer, Deus é a última justificação de uma ação pretensamente secular ou secularizada da Modernidade. Depois de “descoberto” o espaço (como geografia), e “conquistado” os corpos, diria Foucauld (como geopolítica), era necessário agora conquistar o imaginário a partir de uma nova compreensão religiosa do mundo da vida. Desse modo o círculo podia se fechar e o índio ficar completamente incorporado ao novo sistema estabelecido: a Modernidade mercantil-capitalista nascente- sendo, todavia, sua “outra face”, a face explorada, dominada, encoberta. (DUSSEL, 1993, p. 78)

Vieira Pinto (2008) nos traz a relação do sofrimento com a da salvação: para o pobre, o louvor, a promessa da salvação, de que o dia de descanso e glória virão, de que a compensação irá vir, se torna, também, um instrumento de dominação, pois questões que são muito bem definidas e interpretadas por sociólogos como fruto da Questão Social, são

entendidas como sofrimentos passageiro, desviando assim a disputa das narrativas pela luta dos direitos.

O pobre retira do pranto a alegria que lhe aparece, por força do malicioso amparo dos sacerdotes da dominação, como antecipação do bem definitivo e perfeito, com que será recompensado na vida celestial. O doloroso lamento, é assim apresentado, como um cântico compensador antecipado, o que retira do sofrimento real, infligido por condições sociais perfeitamente caracterizadas e suprimidos, a nota de maldade suprema e desvia os possíveis, revoltados da tentação do desespero, que seria a conquista da justiça a qualquer preço, inclusive do sacrifício da própria vida pessoal, na batalha pela destruição da configuração social do "vale "onde habitaram em tão humilhante situação. (VIEIRA PINTO, 2008, p. 32)

3.2 Conservadorismo político, religiosidade e dominação na América Latina Contemporânea

A veia colonial de controle dos corpos e ajustamento ao sistema que estava nascendo não se deu somente no processo de colonização das Américas. Os países latino americanos, surgiram tendo como base o apagamento dos aspectos culturais e religiosos das populações originárias e da população africana, em detrimento de uma valorização da cultura e religião europeia, essa relação se tornou muito profunda, de forma a se ter os regramentos sociais e morais desses países, que estavam surgindo, influenciados pelos valores do cristianismo.

Dessa forma, os valores do cristianismo se tornam parte da base de leis e políticas dos países latinos: a influência do direito canônico na esfera do judiciário, as leis como a criminalização do aborto, a criminalização do uso das drogas, e direitos de pessoas LGBTQ+, são fruto de uma influência direta do cristianismo na vida pública da sociedade, tais fatos mostram como o poder religioso detém, também, de um poder político.

Como forma de elucidar essa relação na realidade brasileira atual, na esfera da política institucional há existência da bancada evangélica, que são grupos de políticos eleitos para defender os valores do cristianismo a nível político. É possível observar essa relação ao analisar o estatuto que regulamenta a existência dessa frente parlamentar.

Parágrafo único- A Frente, que tem sede e foro no Distrito Federal, é instituída sem fins lucrativos e com tempo indeterminado de duração.

Art 2º- São finalidades da Frente Parlamentar Evangélica:

III. Procurar, de modo contínuo, a inovação da legislação necessária à promoção de políticas públicas, sociais e econômicas eficazes, influenciando no processo legislativo a partir das comissões temáticas existentes, nas Casas do Congresso Nacional, segundo seus objetivos, combinados com os propósitos de Deus, e conforme Sua palavra. (Câmara dos Deputados - Requerimento Frente Parlamentar Evangélica, 2019)

Nos últimos 20 anos ocorreram grandes transformações no setor religioso brasileiro: a presença do crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais, para alguns autores, é um caminho para entender o fortalecimento do movimento conservador na sociedade e na esfera política. Para Bastian (1995) essa movimentação se dá diante de movimentos liberais de reforma, diante de governos que detinham um papel oligárquico, que se apoiou nas bases do capitalismo internacional.

Si el arraigo de las organizaciones protestantes latino-americanas corresponde a la fase de radicalización anticatólica y anticorporativista propia de los movimientos liberales "de reforma", su desarrollo y difusión se dieron en el contexto de los gobiernos liberales oligárquicos y neocorporativistas, que sucedieron a los primeros y se reforzaron apoyándose en la Iglesia Católica. En los años 80 los regímenes oligárquicos liberales inenraron un desarrollo económico autoritario, ligado a los intereses de las sociedades capitalistas multinacionales dispuestas a invertir capitales en los transportes, las minas y la agricultura intensiva. El continente cambió de cara en las últimas décadas del siglo XIX con un acelerado crecimiento urbano, la aparición de clases sociales medias ligadas a los servicios y de una clase obrera en formación. La Iglesia Católica vivió un período de expansión y reestructuración: ya no se trataba de condenar la modernidad liberal, sino de cercarla para reconquistar la influencia disminuida por la secularización. Las órdenes religiosas proliferaron, se constituyeron nuevas diócesis, aumentaron los seminarios, escuelas católicas y los sacerdotes abriéndose paso un catolicismo social que fundé las organizaciones obreras católicas. (BASTIÁN, 1995, p. 14-15)

Para Gabatz (2019), o reforço desses grupos a nível político, se dá diante de um entendimento, de que na modernidade existe uma decadência moral, dos valores, em todas as esferas, social, política, cultural. Essa decadência seria fruto dos movimentos de esquerda, com a “subversão feminista” “libertinagem sexual”, a frouxidão de leis e punições de autores de atos infracionais. Esses aspectos, seriam as bases de uma resposta conservadora por parte de segmentos religiosos.

Rodriguez, faz uma análise dessa movimentação religiosa, ocorrida nos últimos anos, na América Latina. No Brasil, em 1940, 95,2% da população se declararam católicas, em 2010, 61%, evangélicos 25%, 14% outras religiões, dentro do campo evangélico, 19% são pentecostais (INSTITUTO DATAFOLHA, 2010). O pesquisador Pérez Guadalupe, estima que em 2035, o número de evangélicos na América Latina, vai se igualar ao número de católicos, com 41%. (RODRIGUEZ, 2011)

Para o autor, a movimentação religiosa que ocorreu nos últimos anos, se relaciona, não com um abandono do catolicismo e de seus valores, mas sim um abandono da metodologia do catolicismo. O pentecostalismo detém em sua constituição aspectos pluriculturais, de grande

representação popular, dessa forma, também não é possível falar de um pentecostalismo, pois diante da incorporação de diversas culturas, suas manifestações ocorrem de diferentes maneiras dentro das comunidades religiosas.

O protestantismo histórico da segunda metade do século XIX, vinculado estreitamente à cultura política do liberalismo radical latino-americano, abriu o espaço em que se inculcam os valores contraculturais à sociedade tradicional católica, verdadeiras escolas de formação do indivíduo cidadão, liberal, democrata. Mas esse protestantismo histórico terminou por ser um fenômeno religioso anedótico a partir da década de 1950, sem representar nem mesmo 1% da população na América Latina. Foi substituído pelos pentecostalismos, presentes desde 1910 (Chile), os quais iniciaram sua expansão e difusão a partir das migrações da zona rural às cidades. Os pentecostalismos desenvolveram uma condição híbrida, uma justaposição de vários registros de crenças, entre elementos arcaicos (oralidade, emoção, crença cristã no Espírito Santo, glossolalia, curas, exorcismos) com a apropriação dos meios modernos de comunicação (televisão e rádio). O mais importante para Bastian, todavia, é o fato de que os pentecostalismos se articularam à cultura popular e que hoje se expressam como religiões populares latino-americanas”. Mais: as sociedades pentecostais não correspondem nem a uma reforma do catolicismo popular nem a uma renovação do protestantismo. “Trata-se mais de uma transformação da religião popular no sentido de um remendo e de uma aculturação dos protestantismos aos valores e às práticas da cultura católica popular”(BASTIAN: 2006, p. 45-47).

Um ponto central no debate é que tal movimentação faz parte de uma visão macro, de retroalimentação do próprio sistema capitalista. Estado e religião, na América Latina, sempre estiveram atrelados, os países foram constituídos a partir de um braço religioso, com a imposição do cristianismo, de forma a gerar controle moral e espiritual ao sistema capitalista vigente. Na base da formação desse Estado se tem o poder religioso, logo, o papel que as igrejas pentecostais exercem é uma atualização do papel que o cristianismo sempre exerceu, mas que se reatualiza dada a conjuntura histórica, figurando ora com protagonismo da igreja católica ora da igreja evangélica.

Retornando a Hervieu Lèger, como compreender esse movimento paradoxal da modernidade por aquilo que, de um lado, mina a credibilidade de todo sistema religioso e, por outro lado, faz surgir novas formas de crenças? A resposta é que a secularização não é sinônimo de aniquilamento da religião. A secularização provoca um reajuste das crenças, não necessariamente indiferença ou ateísmo; um reajuste que significa a emancipação do controle das grandes igrejas e das grandes instituições religiosas. A modernidade permanece desconcertada diante do fato religioso, apesar de que Rorty prefira “mudar de conversa”. A compreensão da modernidade passa pela compreensão dos movimentos religiosos. As metáforas que falam do “retorno do arcaico”, da “vingança de Deus”, da “revanche de Deus” em uma sociedade que quis mudar de conversa, não tem devido apoio na realidade. Deus, o Mistério, o Sagrado, na verdade, nunca desapareceram; o que desapareceu de alguma maneira ou se descentrou de sua situação social foram e são as instituições hegemônicas portadoras do sentido religioso ou do transcendente, entre as quais, obviamente, as todas as Igrejas, e a Católica em primeiro lugar.” (RODRIGUEZ, 2011, p. 208)

Para Corten (2001), a questão da identidade é um fator central: se há uma identidade pentecostal, não importa em qual parte do mundo estiver, a manifestação do pentecostalismo tem aspectos parecidos, mesmo diante, da sua diversidade, o louvor, a dança, o milagre. Esses aspectos circulam por diversos canais, gerando assim uma rede transnacional, de forma a gerar um imaginário político um dos outros. O autor coloca que existem dois imaginários: o imaginário da transparência do espaço público e o imaginário das forças invisíveis. Se tem um imaginário em comum, uma identidade individual e coletiva, mas um contraste, dão a capacidade de afirmação, e isso se relaciona a todo momento com o público e o privado, os imaginários da transparência e força, se relacionam, mas com proporções bem diferentes.

Ao problematizar as relações político-religiosas, envoltas ao pentecostalismo e neopentecostalismo, é bom salientar que não estamos falando da fé direta do povo, da manifestação espiritual e nem nos modos e costumes que esse grupo presta culto a sua divindade. A crítica aqui gira em torno, do papel social e político e histórico, que tal segmento religioso representa na esfera mais ampla da sociedade. Há presença de discursos, na qual se isenta o papel das igrejas tradicionais/históricas na retomada do conservadorismo político, essas igrejas são majoritariamente de classe média, com uma forte presença da branquitude, onde o conhecimento acadêmico teológico é supervalorizado, nas igrejas pentecostais e neopentecostais, a maior parte dos fiéis é pobre, feminina e negra, e a experiência espiritual é mais valorizada, logo existe uma lógica de elitismo e racismo no interior do mundo evangélico. Trago essa reflexão, pois colocar como algoz somente as igrejas pentecostais e neopentecostais, pode ser reproduzir uma lógica racista, na qual coloca esses fiéis como meros espectadores, e não como protagonistas, pessoas que tem ação, pensamentos, e colocar os cristãos brancos e classe média, como sábios. Um outro fator que desmonta essa ideia é a forte relação de apoio que Jair Bolsonaro e sua família tem de instituições tradicionais, como a Igreja Batista, como é possível observar, na aparição de Bolsonaro, em fevereiro de 2020, na Igreja Batista Atitude, pertencente a Convenção Batista Carioca, na qual o pastor André Valandro, o chama na frente com sua esposa e membra da igreja, Michelle Bolsonaro, para orar pela vida deles e pedir para que Deus os abençoe. (Cerqueira, 2020). Tal atitude é proibida pelo princípio de laicidade, defendida historicamente pelos batistas brasileiros.

Segundo Gabatz (2020), o Estado deveria assegurar que os direitos dos cidadãos fossem garantidos, de forma igualitária, assim como também a liberdade religiosa, entretanto a liberdade religiosa é muitas vezes utilizada como artifício para anular o direito do outro,

como por exemplo, a pauta dos direitos da população LGBTQ+. Esse fato nos faz questionar, o porquê de valores pessoais ligados a uma moral religiosa, influem tanto na vida pública e política do país, o autor vai nos trazer, que existe a construção do religioso forte e combativo, que irá combater a sociedade secular.

O conservadorismo religioso não coloca uma agenda de discussão política entre diferentes forças, mas sim a imposição arbitrária, a visão dos grupos religiosos é a de que o espaço legislativo é para ser ganho diante do interesse da maioria que o constitui, logo não importa as discussões da ciência e sociologia, o que importa é o interesse dos grupos ali representados (GABATZ, 2020). Logo é necessário se questionar, se existe laicidade nos países latino americanos.⁷

Como forma de ilustrar essa relação político-religiosa, trarei dois momentos na luta pela descriminalização do aborto, na história recente do Brasil. Uma é sobre a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, ADPF 442, pedido realizado pelo PSOL- Partido Socialismo e Liberdade, em 2017, para descriminalizar o aborto até a décima segunda semana de gestação, esse pedido foi enviado ao STF - Supremo Tribunal Federal, de forma a tentar garantir esse direito através, da via do judiciário. A ministra do STF, Rosa Weber, convocou audiências públicas a fim de discutir a pauta. Em muitos discursos, era possível observar que a defesa da criminalização do aborto, era justificada diante de uma pseudodemocracia, que consistia em, se a maior parte da população se declara católica e evangélica, e o cristianismo condena o aborto, logo não seria democrático sua descriminalização.

Tal afirmação se coloca de forma antidemocrática e demagógica, pois tal justificativa, não considera outros atores da sociedade, o direito da população que não pertence a um determinado grupo religioso, que detém de determinados valores, e outro ponto, é que tal afirmação desconsidera a diversidade dentro da esfera do cristianismo, que não é um bloco hegemônico, que contém disputas e narrativas em seu interior. Dessa forma há organizações de mulheres que se declaram cristãs e defensoras da descriminalização do aborto, como o grupo das Católicas Pelo Direito de Decidir e a Frente Evangélica Pela Legalização do Aborto.

Outro momento, que ilustra essa disputa, é o episódio de uma criança de 10 anos, que era violentada sexualmente pelo tio, e tais abusos geraram uma gestação nessa criança. O casodela tomou repercussão em agosto de 2020, depois que o seu direito ao aborto foi negado em um hospital no Espírito Santo, e depois que sua história foi divulgada na mídia/ redes sociais, houve grande mobilização dos movimentos conservadores para a menina não interromper a gestação, relatos e acusações de que a própria Ministra do Direitos Humanos e Mulheres,

⁷ A ideia de laicidade nos países latino-americanos deve ser contemplada como um ideal, uma utopia, mais do que uma realidade factual. Talvez seja mais necessário trabalhar os conceitos de ecumenismo e pluralismo das cosmovisões, dentro desses territórios.

Damares Alves, interferiu no caso para que o aborto não acontecesse, a ativista conservadora Sara Giromini, chegou a ser presa por divulgar informações pessoais da menina. A criança precisou ser levada a outro estado, Pernambuco, para ter seu direito assegurado, entretanto ao chegar ao hospital acompanhada de sua avó e equipe técnica que acompanha o caso, foi recebida por uma mobilização de grupos religiosos conservadores, que gritavam palavras de ódio, e que também, atacaram de forma ofensiva, o médico que realizaria o procedimento e garantiria o direito a uma criança, vítima de estupro, o aborto seguro. Tal ação mobilizou também, as feministas pernambucanas, que ao saber da mobilização conservadora em frente ao hospital, foram também, para a porta do hospital, prestar apoio e solidariedade a essa criança e sua família.

Tais momento ilustram bem, a relação entre política e religiosidade, e a influência do poder religioso na esfera pública, em como esse poder interfere na garantia dos direitos da população e no papel do Estado e sua laicidade, que deveria garantir equidade a todos os cidadãos.

3.3 O objeto em sua dialética: Religião e Libertação na América Latina

Aqui nessa parte vamos brevemente trazer o tema da religião e política na América Latina desde a perspectiva dos povos subalternizados, em dois exemplos principais: Povos de Terreiro e suas chamadas “Religiões”⁸ de Matrizes Afroindígenas e a experiência da Teologia da Libertação, posto que essa relação em nosso continente não se encerra apenas em uma narrativa de dominação, mas também de resistência em seu ser dialético.

Discutir a questão religiosa no Brasil detém de vários atravessamentos. Diante da questão histórica já relatadas neste trabalho, o direito de exercer sua fé livremente não é algo garantido no Brasil: nos últimos anos a invasão à terreiros aumentaram, a destruição desses espaços, o ataque nas ruas diante das vestimentas tradicionais religiosas, a expulsão do território de famílias de religiões de matrizes afroindígenas, são parte do racismo em que esse país foi construído.

Dessa forma, consideramos que as problemáticas em torno da intolerância religiosa no Brasil, são na verdade, racismo religioso, pois tais ataques têm em sua base uma intenção de afirmar que essas religiões têm um cunho demonizador, ruim, negativo – da mesma forma que historicamente tal discurso era usado no intuito de promover a dominação de corpos pretos e indígenas.

⁸ O uso de aspas para se referir à palavra “religiões”, deve-se ao fato de que as religiões afroindígenas não se limitam ao que o ocidente eurocêntrico rotulam como religião. Antes, estão relacionadas com o ser na comunidade e no território, de modo que não se limitam à cosmovisão eurocentrada de religião.

As religiões de matrizes afroindígenas, são manifestações da fé e espiritualidade dos povos africanos que foram escravizados na América. A escravidão tinha o objetivo de acabar com a identidade e cultura de africanos e indígenas, entretanto a resistência dessas populações gera gritos de liberdade, e as chamadas “religiões de matrizes afroindígenas”, são em realidade comunidades na qual se exercem valores distintos dos ocidentais, de modo que junto com quilombos e outras iniciativas se tornaram fonte de conexão ancestral, com sua cultura e sua divindade.

Sodré (2017) coloca a relação de ancestralidade e coletividade presentes nos terreiros, não só nos terreiros, mas na própria compreensão do mundo, da realidade. As religiões de matrizes afroindígenas não detêm de um paradigma da racionalidade capitalista, mas sim diante de uma lógica de pertencimento que lhe foram apagadas, tendo em vista os aprisionamentos da escravização.

Impregnada por uma atmosfera afetiva estruturante, a memória incide principalmente sobre um modo de ser e de pensar afetado pela territorialização que, no caso dos nagôs, dá margem a vínculos comunitários particulares: é o *Egbe* ou comunidade litúrgica, ou seja, um lugar que contrai, por metáfora espacial, o solo mítico da origem e o faz equivaler-se a uma parte do território histórico da diáspora, intensificando ritualmente as crenças e o pensamento próprios. (SODRÉ, 2017, p. 92)

Sodré (2017) também traz que a questão mitológica não cabe em um corpo doutrinário articulado, fechado, dogmático, formal, mas sim em manifestações culturais de saudações, danças, comidas, músicas, sendo assim a base da liturgia do terreiro. O corpo “não se trata de uma subjetivação ancorada em estruturas lógicas de representação, mas nos posicionamentos de potência corporal inscritos num território” (SODRÉ, 2017, p. 101). Logo o corpo não é apenas um objeto de violência e subalternização – lugar relegado pela branquitude no processo de escravização – mas também lugar de axé e de potência. Diante disso é possível observar que a liturgia das religiões de matrizes afroindígenas possuem um teor de corporeidade coletiva, territorial e ancestral, de forma a se resgatar sentidos e sentimentos, que uma vez foram proibidos e apagados.

Em relação a Teologia da libertação, de partida cabe mencionar que essa teologia nasce a partir da realidade latino-americana, diante da influência de uma leitura marxista da realidade e do protagonismo organizativo de movimentos populares insurgentes de base católica, batendo de frente com o predomínio de uma teologia enraizada e reproduzida pela igreja católica, conservadora, eurocêntrica e alinha com os ideais capitalistas.

Segundo Michael Lowy (1991), a teologia da libertação teve solo fértil na realidade brasileira, esse fato, se relaciona com o poderio da igreja católica no Brasil, sendo uma das mais numerosas do mundo e diante das movimentações sociais e políticas ocorridas nos anos 1960 e 1970, que fez emergir uma esquerda católica, desencadeando na teologia da libertação, que tem como um dos seus principais nomes o teólogo Leonardo Boff.

A teologia da libertação foi fundamental na formação política do país, ela tem influência no surgimento de movimentos sociais como a CUT, o movimento dos camponeses sem terra, e o partido dos trabalhadores - PT. As CEBs. Comunidades Eclesiais de Base, foram fatores fundamentais para a formação crítica de centenas de trabalhadores, formando assim a construção dos movimentos sociais anteriores à abertura da ditadura militar (LOWY, 1991), que gerou a organização social mais hegemônica na redemocratização, a CUT tiveram protagonismo na história do movimento camponês de luta pela terra no Brasil.

A Igreja brasileira é um caso único na América Latina, na medida em que ela é a única Igreja do continente onde a teologia da libertação e seus adeptos pastorais conquistaram uma influência decisiva. A importância desse fato é evidente se lembrarmos que se trata da mais numerosa das Igrejas católicas do mundo. Além disso, os novos movimentos populares brasileiros- a combativa Central Única dos Trabalhadores (CUT), o movimento dos camponeses sem terra, as associações dos bairros pobres- bem como sua expressão política, o novo Partido dos Trabalhadores (PT), são, em grande parte, produto do trabalho de formação de militantes cristãos, e de atividades de agentes leigos das pastorais e das comunidades de base. (LOWY, 1991, p. 51)

A teologia da libertação foi um motor potente no fortalecimento da esquerda brasileira, a teologia da libertação, tem como sua principal diretriz a opção pelos pobres, a partir de uma análise crítica da realidade, se tem a preferência sócio eclesial pelos pobres.

A partir do início dos anos 60, o lugar social de um engajamento ativo de cristãos nas lutas populares, de uma reinterpretação do Evangelho à luz dessa prática e, em certos casos, de uma atração irresistível (o termo empregado por muitos observadores é “fascinação”) pelo marxismo. (LOWY, 1991, p. 35)

O trabalho de base, realizado pelas igrejas católicas, foi decisivo na história política do país, esse fato, não muda a estrutura de poder e dominação realizado pela Igreja, mas realiza uma autocrítica em seu interior, estremece as bases do conservadorismo, movimentando a organização dos trabalhadores e relaciona mística e realidade.

Na contemporaneidade, vários outros movimentos de resistência surgiram no interior do cristianismo, como a dimensão das Teologia Feminista, Teologia Negra, entre outras. Assim como, movimentos organizados, como as Católicas Pelo Direito de Decidir, Frente Evangélica pela Legalização do Aborto, Movimento Negro Evangélico, Evangelicxs Pela Diversidade, Evangélicas pela Igualdade de Gênero, Rede de Mulheres Negras Evangélicas, Projeto

Redomas, Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Esses são alguns grupos que fazem parte de um lugar de luta e resistência, dentro da esfera do cristianismo, de forma a mostrar que no interior dessa relação existe tensionamentos e diversidade.

4. CONCLUSÃO

A discussão presente neste trabalho tem centralidade no cenário latino americano, na qual houve nos últimos anos a ascensão de grupos religiosos na esfera política, chegando nos altos cargos do governo, como a presidência da República, tal fato escancara as relações profundas entre religião, Estado e capitalismo.

O cerceamento dos direitos de mulheres, LGBTQA+, negros e negras e indígenas são parte dessa relação, que sempre esteve presente na esfera estatal, diante da influência religiosa conservadora que é parte da construção dos países latino-americanos, entretanto tal discurso, em outros governos vinham tendo ascensão e conquistas, que decaíram diante da eleição de governos com forte aparelhamento com igrejas. Assim como os direitos conquistados pelos movimentos dos trabalhadores, como a reforma da previdência ocorrida no Brasil, durante o governo de Bolsonaro em 2019, mostra a forte ligação desses governos com o capitalismo imperialista-dependente e o aniquilamento dos direitos dos trabalhadores

Como visto ao longo do trabalho, as mudanças ocorridas na vida política dos países latino-americanos não estão dissociadas de um papel histórico que a igreja, a colonização e o capitalismo exerceram nesse território. As relações político-religiosas, hoje óbvias na vida política, sempre existiram: a associação entre Estado e igreja, desde a colonização, foi fundamental para a manutenção do controle dos corpos e mentes das populações originárias e escravizadas, de forma a fazer com que esses indivíduos fossem incorporados no sistema vigente.

A discussão religiosa durante muito tempo tem sido negligenciada pelos setores progressistas universitária e de esquerda, pois o entendimento era que discutir sobre religião denotava algo ruim, conservador. Entretanto, as igrejas ocuparam um papel social muito forte na vida da população, principalmente, para a população mais pauperizada, sendo assim também com parte da formação de ideais e sociabilidade. Compreender tais questões é importante no sentido de entender as movimentações políticas e sociais ocorridas nos últimos anos, assim como, compreender a dinâmica das diversas religiões no território latino-americano, no qual não se é igual para todos. Discutir a questão religiosa é parte também da defesa do direito das diversas expressões religiosas, como no caso das religiões afroindígenas no Brasil, na qual devido ao racismo religioso, tem seus direitos cerceados.

Essa discussão se faz necessária no âmbito das ciências social, e especialmente no

Serviço Social, para se ter compreensão das particularidades que o sistema capitalista exerce na realidade dos países dependentes, é necessário pensar as problemáticas da relação

político-religiosa presente nos países latino-americanos, de forma, também, a compreender e dialogar com os usuários, diante dos lugares sociais que os estes estão inseridos, de forma a se ter um direcionamento profissional crítico e ético.

BIBLIOGRAFIA

5.1. Referências Teóricas

BASTIAN, Jean Pierre. Protestantes en Latinoamérica. Em: Evangélicos en América. Abya Yala Edition. Quito. 1995.

BRAZ, Marcelo; NETTO, José Paulo. Economia Política: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2009.

CERQUEIRA, Sofia. O pastor que se tornou o guru religioso da família Bolsonaro. Revista Veja Rio. 2020.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Veneta. São Paulo. 2020.

CORTEN, André. O pentecostalismo transnacionalizado no contexto teológico-político. Universidade Québec. Horizontes Antropológicos. Canadá. 2001.

DUSSEL, Enrique. 1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Conferência de Frankfurt/ Enrique Dussel. Tradução: Jaime A. Clesen. Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas. São Paulo. 2002.

_____. Métodos e técnicas de pesquisa social. Editora Atlas. São Paulo. 2008.

IASI, Mauro. Política, Estado e ideologia na trama conjuntural. São Paulo. 2017.

LOWY, Michael. Marxismo e Teologia da Libertação. Editora Cortez. São Paulo. 1991.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J. P. (Org.). Ruy Mauro Marini, vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

OSORIO, Jaime. El capital como totalidad.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales . Buenos Aires. 2005.

GABATZ, Celso. A presença de grupos religiosos conservadores nos espaços públicos da contemporaneidade. Revista de Ciências Sociais/Faculdade EST São Leopoldo. 2020.

ROCHA, Mirella Farias. Participação popular nas políticas socioassistenciais na América Latina: Estudo comparativo entre Brasil e Venezuela. Florianópolis. 2009.

RODRIGUEZ, Luis Herrera. Novas identidades sócio religiosas na América Latina. Pensar-Revista Eletrônica da FAJE v.2 n.2. 2011

SIMÕES, Pedro. Religião e política entre alunos de Serviço Social (UFRJ). Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 2007.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2017.

VIEIRA PINTO, Álvaro. A sociologia dos países subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale das lágrimas”. Rio de Janeiro. Contraponto, 2008

5.2. Referências da Pesquisa Empírica (Jornais)

ABBUD, Bruno. Como Bolsonaro se tornou o candidato dos evangélicos. **REVISTA ÉPOCA**, 06 de outubro de 2018. Disponível em: < <https://epoca.globo.com/como-bolsonaro-se-tornou-candidato-dos-evangelicos-23126650> >. Acesso em: 02 de nov. de 2020

_____. A Bíblia volta ao palácio', diz recém-empossada presidente da Bolívia. **VEJA**, 13 de novembro de 2019. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/mundo/a-biblia-volta-ao-palacio-diz-recem-empossada-presidente-da-bolivia> >. Acesso em: 02 de nov. 2020

BETIM, Felipe. 'Democracia em vertigem' reacende rancores que se arrastam desde 2014. **EL PAIS**. 7 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-02-07/indicacao-ao-oscar-de-democracia-em-vertigem-r-eacende-rancores-politicos-que-se-arrastam-desde-2014.html> Acesso em: 03/01/2021

Bolsonaro: "Eu tenho 4 filhos, na 5ª dei uma fraquejada e veio uma mulher". **Revista Fórum**. 5 de abril de 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/> Acesso em: 01/01/2021

"Brasil não pode ser um país do mundo gay, pois temos família." Diz Bolsonaro. **Universa**. 25 de abril de 2019. Disponível em : <https://www.uol.com.br/universa/noticias/ansa/2019/04/25/brasil-nao-pode-ser-pais-do-mundo-gay-diz-bolsonaro.htm> Acesso em: 02/01/2021

CAPETTI, Pedro. CANÔNICO, Marco Aurélio. Denúncias de ataques a religiões de matriz africana sobem 47% no país. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/denuncias-de-ataques-religoes-de-matriz-africana-sobem-47-no-pais-2340071> >. Acesso em: 02 de nov. de 2020

GONÇALVES, MARINA. Oposição a Evo Morales usa religião como arma na Bolívia. **O GLOBO**, 12 de novembro de 2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/mundo/oposicao-evo-morales-usa-religiao-como-arma-na-bolivia-24075784> >. Acesso em: 02 de nov. 2020

Governo prepara pl que proíbe ideologia de gênero no ensino fundamental. **VEJA**. 3 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/politica/governo-prepara-pl-que-proibe-ideologia-de-genero-no-ensino-fundamental/> Acesso em: 03/01/2021

Lula defende lucro de bancos e se diz vítima de preconceito. Folha de São Paulo. 25 de julho de 2006. Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u80688.shtml>
Acesso em: 02 /01/2021

MALDONADO, CARLOS SALINAS. GARCÍA, JACOBO. Presidente de El Salvador invade o Congresso com militares e alega “direito divino”. **EL PAÍS**, Cidade do México, 10 de fevereiro de 2020. Disponível em: <
<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-02-10/presidente-de-el-salvador-invade-o-congresso-com-militares-amparado-por-direito-divino.html> >. Acesso em: 02 de nov. de 2020

Movimentos contra e a favor do impeachment acontecem pelo país. **G1**, São Paulo, 16 de abril de 2016. Disponível em:
<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/manifestacoes-contras-e-favor-do-impeachment-acontecem-pelo-pais.html>. Acesso em: 02/01/1021

ODILLA, FERNANDA. 5 anos depois o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013 ? BBC, 9 de junho de 2018. Disponível em :
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703> . Acesso em: 03/ 01/ 2021

OLIVA, GABRIELA. GUERRA, RAYANDERSON. Bolsonaro atacou a imprensa 299 vezes nos últimos nove meses, diz Fenaj. **O GLOBO**, 14 de outubro de 2020. Disponível em :
<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-atacou-imprensa-299-vezes-nos-ultimos-nove-meses-diz-fenaj-24691609>. Acesso em: 02/01/2021

PINA, Rute. Como surgiu o ” antipetismo” e do que ele se alimenta? **Brasil de Fato**. 25 de outubro de 2018. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/2018/10/27/como-e-alimentado-o-antipetismo-e-por-que>
Acesso em: 02/01/2021

RAMALHOSO, Wellington. Temer, o impopular: o que mudou no país em dois anos e meio de governo. **UOL**. 30 de dezembro de 2018 Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/12/30/temer-o-impopular-o-que-mudou-no-pais-em-dois-anos-de-governo.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 02/01/2021

“Quem é Evo Morales?”. **Estadão**. Disponível em: <https://tudo-sobre.estadao.com.br/evo-morales> Acesso em: 13/01/2021

ALIAGA, JAVIER. “Bolivia reduziu pobreza em 10 anos de Morales, mas vê nuvens no horizonte”. **UOL**, 20 de Janeiro de 2016. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2016/01/20/bolivia-reduziu-pobreza-em-10-anos-de-morales-mas-ve-nuvens-no-horizonte.htm> Acesso em: 13/01/2021

ZAMARONO ABRAHAM, MIRANDA BORIS. Por que Evo Morales renunciou a presidência da Bolívia? 5 pontos chaves que explicam a decisão” **BBC**, 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50373193> Acesso em: 14/01/2021

“Como Morales é candidato a 4 mandato na Bolívia, se a constituição proíbe?” **UOL**, 10 de outubro de 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2019/10/17/como-morales-e-candidato-ao-4-mandato-na-bolivia-se-a-constituicao-o-proibe.htm> Acesso em: 14/01/2021

“Entenda a crise que levou Evo Morales a renúncia na Bolívia” **Estadão**, 10 de novembro de 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,entenda-a-crise-que-levou-a-renuncia-de-evo-morales-na-bolivia,70003084254> Acesso em: 13/01/2021

“México concede asilo, e Evo Morales deixa a Bolívia” **G1**, 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/11/chanceler-do-mexico-diz-que-evo-morales-pe-diu-asilo-politico.ghtml> Acesso em: 17/01/2021

MIRANDA, Boris. Quem é Luis Camacho, o ‘Bolsonaro boliviano’ que despontou em meio a renúncia de Evo. **BBC**. 11 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50354666> Acesso em: 17/01/2021

Redação G1. Confronto na Bolívia deixam 23 mortos em quase um mês de protestos, diz Comissão de Direitos Humanos. **G1**. 17 de novembro de 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/11/17/confrontos-bolivia-deixam-23-mortos-em-quase-um-mes-de-protestos-diz-comissao.ghtml> Acesso em: 18/01/2021

Redação G1. Presidente interina da Bolívia e principal oponente admitem que Luis Arce venceu as eleições em 1º turno. **G1**. 19 de outubro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/10/19/boca-de-urna-aponta-vitoria-de-luis-arce-nas-eleicoes-presidencias-da-bolivia.ghtml> Acesso: 18/01/2021

BARRAGAN, Almueda. Nayib Bukele, o presidente que governa El Salvador na base do tuite. **El País**. 10 Junho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/08/internacional/1560013897_940891.html Acesso: 07/02/2021

GARCIA, Jacobo. Tsunami Bukele se torna o presidente mais jovem de El Salvador. **EL PAÍS**, 04 de Fevereiro de 2019, San Salvador. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/04/internacional/1549242518_671789.html Acesso em: 07/02/2021

_____. Presidente de El Salvador “se eu fosse um ditador teria tomado o controle de todo o governo”. **EL PAÍS**, 10 de Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-02-10/presidente-de-el-salvador-se-eu-fosse-um-ditador-teria-tomado-o-controle-de-todo-o-governo.html> Acesso em: 07/02/2021

“São Salvador, e não Caracas, foi a cidade do mundo com mais homicídios em 2015”, 8 de Fevereiro de 2016. Disponível em: <https://igarape.org.br/sao-salvador-e-nao-caracas-foi-a-cidade-do-mundo-com-mais-homicidios-em-2015/> Acesso em: 07/02/2021

“Grupos de esquerda protestam contra presidente Bukele em El Salvador” **ISTO É**, 22 de Abril de 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/grupos-de-esquerda-protestam-contrapresidente-bukele-em-el-salvador/> Acesso em: 07/02/2021

COLOMBO, Sylvia. Presidente de El Salvador decreta estado de emergência máxima em prisões. **Folha de São Paulo**, 27 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/presidente-de-el-salvador-decreta-estado-de-emergencia-maximo-em-prisoas.shtml> Acesso em: 10/02/2021

_____. Presidente de El Salvador usa quarentena para radicalizar autoritarismo no país. **Folha de São Paulo**, 22 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/presidente-de-el-salvador-usa-quarentena-para-radicalizar-autoritarismo-no-pais.shtml> Acesso em: 10/02/2021

DIAZ GONZALEZ, Marcos. As chocantes imagens divulgadas pelo governo de El Salvador ao anunciar junção de presos de gangues rivais em meio a pandemia. **Revista Época**, 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/mundo/as-chocantes-imagens-divulgadas-pelo-governo-de-el-salvador-ao-anunciar-juncao-de-presos-de-gangues-rivais-em-meio-pandemia-24400403> Acesso em: 10/02/2021